



Sociedade das Ciências Antigas

O IDEAL INICIÁTICO

POR

OSWALD WIRTH



TRADUÇÃO FEITA A PARTIR DO ORIGINAL ESPANHOL

EL IDEAL INICIÁTICO

***EDITORIAL DE R. MAYNADÈ,
BARCELONA, ESPANHA, 1928***

***SÃO PAULO - BRASIL
MARÇO - 2025***

Índice

1.	Introdução	3
2.	A Iniciação Maçônica	4
3.	As Obrigações do Iniciado	6
4.	A Preparação do Candidato	8
5.	A Descida a Si Mesmo	10
6.	A Conquista do Céu	12
7.	A Posse de Si Mesmo	15
8.	O Fogo Sagrado	17
9.	O Cálice da Amargura	19
10.	O Primeiro Dever do Iniciado	21
11.	A Magna Obra	23
12.	Os Poderes do Iniciado	24
13.	Os Ensinamentos da Franco-Maçonaria	26
14.	“Maçonismo” e Franco-Maçonaria	27
15.	A Iniciação Feminina	29
16.	A Inacessível Amante	31
17.	Masculinidade e Feminilidade	33
18.	A Sabedoria Iniciática	36
19.	A Força Realizadora	39
20.	A Divina Beleza	42

Introdução

Em todos os tempos, temos visto falsos profetas pregarem em tom doutoral e com absoluta boa-fé sobre o que pensavam saber. Antigamente, inspirava-os a religião e, — em sua crença de possuir a verdade graças à iluminação, — vinham nos revelar aquilo em que deveríamos crer, dando-nos precisas idéias a respeito da divindade, dos anjos e dos demônios. Em nossos tempos, costumam dá-las os *Iniciados* instruídos nos supremos mistérios que permanecem velados à penetração da generalidade dos homens. A Iniciação confere tal sorte de pretexto a certos ensinamentos equívocos, mas nem sempre inofensivos, sobretudo, quando a investigação de conhecimentos anormais conduz ao desequilíbrio dos indivíduos.

Em presença de tão grande número de elucubrações malsãs que preconizam o desenvolvimento de um estado alucinatório considerado erroneamente como conquista de um privilégio iniciático, não será demais formular os princípios da *sã e verdadeira iniciação tradicional*.

É o que tentamos numa série de artigos publicados em “Le Symbolisme” desde janeiro de 1922, artigos que reunimos neste opúsculo para maior comodidade do leitor.

Não temos, desde já, a pretensão de haver elucidado inteiramente a questão, mas o caminho que sinalamos é o verdadeiro, e todos os documentos iniciáticos concordam nesse ponto.

A pista, na verdade, fica apenas ligeiramente esboçada; algumas vezes, chega a perder-se, e é preciso que saibamos encontrá-la outra vez, fazendo uso de nossa sagacidade para orientar-nos. A Iniciação, com efeito, deve pôr em obra nossa própria iniciativa, sem impor-se jamais; é preciso descobri-la e violentá-la, se quisermos possuí-la.

Não espere, pois, o leitor encontrar nestas páginas um tratado metódico. A Iniciação deve ser adivinhada, e o autor, sinceramente iniciático, não pode fazer outra coisa senão ajudar a descobri-la.

Oswald Wirth

Capítulo I

A Iniciação Maçônica

A Franco-Maçonaria é uma instituição moderna enquanto sua organização moderna, que não vai além de 1717, data da constituição da Grã Loja mãe, em Londres, da qual derivam mais ou menos diretamente todas as federações maçônicas do mundo.

O que nasceu então foi uma confraternidade que se afirmava como universal e que deveria permanecer aberta a todos os homens de reconhecida moralidade, sem distinção de religião, de opiniões políticas, de nacionalidade, de raça nem de posição social. Essa associação tinha por finalidade conseguir que seus adeptos se unissem, apesar de tudo quanto os poderia separar. Era seu dever a mútua estima e o esforço pela compreensão recíproca, em que pese o distanciamento em sua maneira de pensar ou de expressar-se.

Alegoricamente, a Franco-Maçonaria aspirava a remediar a confusão das línguas que dispersara os construtores da Torre de Babel. Seu objetivo era formar *Maçons* capazes de compreenderem-se de um polo a outro, para juntos edificarem um templo único onde os sábios de todas as nações, viriam se confraternizar. Este edifício não se inspirava, de modo algum, no capricho humano: não é uma Torre destinada a desafiar o céu com seu orgulho, mas um santuário cujo plano concebeu o *Grande Arquiteto do Universo*.

A Franco-Maçonaria tem grande cuidado em não definir o Grande Arquiteto, deixando toda liberdade aos seus adeptos para que façam do mesmo uma ideia de acordo com sua fé ou com sua filosofia. Os Franco-Maçons deixam a teologia aos teólogos, cujos dogmas levantam discussões apaixonadas, quando não conduzem a guerras ou a perseguições iníquas. Ao dogmatismo rígido e intransigente, a tradição maçônica opõe um conjunto de símbolos coordenados logicamente, de maneira a explicarem-se uns aos outros. Os espíritos reflexivos encontram-se, de tal sorte, convidados a descobrir por si mesmos os mistérios aos quais alude o simbolismo. Algumas sumárias indicações marcarão o caminho a percorrer, mas não se comunica ao neófito mais que a primeira letra da palavra sagrada: ele deverá saber por si mesmo adivinhar a segunda. Seu instrutor revela-lhe, a seguir, a terceira, a fim de que possa encontrar a quarta e assim sucessivamente.

Esse método é muito antigo. Seu propósito é formar pensadores independentes, desejosos de chegar, por seu próprio esforço, a discernir a verdade. Nada se lhes inculca nem se lhes pede algum ato de fé a propósito de qualquer revelação sobrenatural; do longínquo passado, onde tem fixadas as suas raízes espirituais, a Franco-Maçonaria não herdou crenças determinadas nem doutrinas concretas, mas, sim, apenas seus procedimentos de sã e leal investigação da Verdade.

Portanto, pedir a admissão na Franco-Maçonaria, não pode ser questão de esperar a comunicação destes fatos misteriosos que tanto intrigam os aficionados em ciência oculta. Os Franco-Maçons interessam-se individualmente por todos os conhecimentos humanos, e podem ser, se for o caso e segundo lhes apraz, ocultistas, teósofos, metafísicos, etc., mas a Franco-Maçonaria abstém-se, em absoluto, de ensinar algo em qualquer ordem de ideias. Não tem por missão resolver os enigmas que se apresentam à mente humana e não se declara a favor de nenhuma das teorias explicativas dos fatos sensoriais. Indiferente a toda suposição arriscada, coloca-se acima dos sistemas cosmogônicos formulados, ora por religiões, ora por escolas de filosofia.

O que preconiza é este prudente positivismo que toma por ponto de partida em todas as coisas o comprovável. No decorrer de suas viagens simbólicas, o neófito parte sempre do Ocidente, onde se ergue a fachada da objetividade, ou seja, a fantasmagoria das aparências que perturbam nossos órgãos. Tudo termina aí para o materialista que acredita inútil buscar algo mais. Todavia, muito distinta é a convicção dos espíritos propensos à meditação. Eles se negam a ficar no aspecto superficial das coisas, e sua ambição é aprofundar tudo. Para estes aspirantes à iniciação, tudo quanto afeta nossos sentidos constitui um enigma que podemos decifrar. Buscam o significado do espetáculo que lhes oferece o mundo e lançam-se a suposições por demais arriscadas. Ao penetrarem desse modo na tenebrosa selva das quimeras, com tanta complacência quanto a descrita nas novelas cavaleirescas, o pensador vê-se obrigado a combater todos os monstros de sua própria imaginação. Deve abrir passo através do inextrincável emaranhado das concepções mal vindas, para alcançar penosamente o Oriente, de onde brota a luz. De outra parte, ao sair das trevas da noite, a luz da manhã deixa-o discernir somente o absurdo das teorias preconizadas para explicar o inexplicável; convencido de sua impotência para penetrar o mistério das coisas, empreende o regresso ao Ocidente, seguindo agora a rota do Meio-Dia.

Já não é mais um caminho semeado de obstáculos, marcado apenas pela densidade da obscura selva do Norte: cheia de rochas e na absoluta falta de vegetação, a região sul não oferece o menor abrigo ao peregrino que avança sob os ardentes raios de um sol implacável. Uma luz cruel ilumina os objetos que encontra a sua passagem e aos quais enxerga tais como são, sem que possa formar qualquer ilusão a respeito deles.

Chegado outra vez ao Ocidente, julga então de diferente maneira o que afeta os seus sentidos. O eterno enigma parece-lhe menos indecifrável, porém mais penetrante ainda. Irritado, não pode permanecer por muito tempo em estado contemplativo; seu espírito trabalha outra vez, e temo-lo entregue a conjecturas, porém já em meio a uma prudente desconfiança, e as extravagâncias do início transformaram-se em hipóteses mais sólidas.

Recomeça a viagem que prossegue indefinidamente sempre no mesmo sentido, partindo do Ocidente em direção ao Norte, para regressar a seguir do Oriente pela rota do Meio-Dia. Cada vez resulta menos áspero o caminho, por mais que abundem os obstáculos: deve escalar montanhas, transitar por planícies repletas de perigos, atravessar rios de impetuosa corrente, explorar desertos abrasadores e sondar abismos vulcânicos. Tais são as provas que deve suportar, — não simbolicamente nem na imaginação, — mas em seu verdadeiro significado, ou seja, *em espírito e verdade*, para que a venda de nossa ignorância se vá atenuando até cair, por fim, de nossos olhos, ao cabo de nossa purificação mental.

Logo, tratar-se-á de encontrar a luz entrevista e viajar com tal propósito, imitando o sol em sua aparente revolução diária.

Eis o processo tradicional da iniciação maçônica. É o ensinamento através do silêncio. Nada de palavras que possam faltar à verdade, mas apenas ações, cuja finalidade é nos convidar à investigação. Aqui, não encontramos uma doutrina explícita, mas unicamente um ritual por meio do qual vivenciamos aquilo que devemos aprender. Nenhum dogma. Apenas alguns símbolos.

Não é um método ao alcance das multidões que pedem soluções prontas e seguem felizes àqueles que as enganam, por certo, de boa-fé na maioria dos casos.

A característica da iniciação, — da *verdadeira* — é sua absoluta sinceridade: não enganar ninguém, eis aí sua constante e principal preocupação. Por isso mesmo, resulta amarga e decepcionante. Quem a possui, compreende que não sabe nada; o sábio observa um modesto silêncio e guarda-se de erigir-se em

pontífice. Se o iniciado pede a luz, é apenas para poder melhor cumprir a tarefa que lhe incumbe e, rechaçando toda curiosidade indiscreta, não perde tempo em querer aprofundar mistérios insondáveis por sua própria natureza. Começando sempre pelo que é conhecido (Ocidente), vai se instruindo sem precipitação e não teme examinar de novo o que lhe parecia certo. Resiste a perder-se em estéreis especulações e aceita apenas aquelas que têm como finalidade a ação. O trabalho é, em sua maneira de ver, a justificativa de sua própria existência. A função cria o órgão, e não somos mais que instrumentos constituídos à vista de uma tarefa que devemos cumprir.

Apliquemos, pois, toda nossa inteligência em discernir o que de nós se espera e nos esforcemos por trabalhar bem. *Trabalhar bem é viver bem*, e viver bem é, sem dúvida alguma, o ideal que nos propõe a vida. Trata-se de aprender a teoria para logo exercitar a prática da *Arte de Viver*. Eis aí o objetivo essencial da iniciação maçônica.

Capítulo II

As Obrigações do Iniciado

Ao animal basta-lhe desejar viver e obedecer aos impulsos de sua natureza. Suas determinações são automáticas, sem a necessidade de deliberar sobre seus atos. O mesmo estado de ignorância encontra-se também na criança na qual ainda não despertou a consciência que lhe vai permitir distinguir o bem e o mal. Com o discernimento nasce a responsabilidade, e esta nos impõe certos deveres que, por sua vez, aumentam cada vez mais, à medida que nossa inteligência se desenvolve. Quem compreende mais perfeitamente é obrigado a conduzir-se de maneira diferente do bruto dotado apenas de instinto.

Muito bem: o Iniciado tenciona penetrar certos mistérios que escapam ao vulgo; sua compreensão abarca muito mais, e é-lhe, portanto, necessário submeter-se a certas obrigações menos indispensáveis ao comum dos mortais. Para conseguir a Iniciação devemos conhecer estas obrigações especiais e comprometermo-nos antecipadamente a uma escrupulosa conformidade para com elas. Quais são estas obrigações?

Em primeiro lugar, exige-se de todo candidato à Iniciação a estrita observância da lei moral. Deve-se compreender por isso que o futuro iniciado deve observar uma conduta irreprochável e gozar da estima de seus concidadãos. De outra parte, a moral humana não tem regras absolutas e sofre variações conforme o ambiente, de sorte que o iniciado deve se conformar aos usos correntes na sociedade. Seu dever primordial é viver em harmonia com seus concidadãos e observar escrupulosamente as leis que regulam a vida em comum.

O iniciado não se comportará como um super-homem desdenhoso da moral ordinária nem se considerará isento de qualquer uma das obrigações que pesam sobre o homem simplesmente honrado. Longe de querer alijar-se da carga normalmente imposta a todos, conformar-se-á, ao contrário, com aumentá-la na proporção de suas forças, tanto morais quanto intelectuais.

A Iniciação não nos instrui nem sequer pelo gosto de instruir-nos. Ilumina a quem quer trabalhar, a fim de que o trabalho possa ser levado a cabo. Começamos por aceitar um trabalho, depois demos prova de zelo e de constância em seu cumprimento, e teremos então direito à instrução necessária; mas nada receberá quem não tenha direito a essa instrução.

De nada servem as fraudes nessa matéria, quem não merece a instrução não a recebe. Poderá, sem dúvida alguma, imaginar haver aprendido, mas, neste caso, não será mais que miserável juguete do falso saber

dos charlatões do mistério. A verdadeira Iniciação não quer deslumbrar as pessoas com um brilho fictício. É austera e ninguém pode obtê-la sem antes havê-la buscado na pureza de seu coração. Ao candidato é perguntado: Onde fostes preparado para ser recebido Franco-Maçom? Deve responder: Em meu coração. Com efeito, ele deve estar bastante resolvido ao sacrifício anônimo e não desejar outra recompensa que a satisfação de colaborar com a Magna Obra.

Na verdade, o homem não pode aspirar maior satisfação, já que, por sua participação na Magna Obra, tem consciência de divinizar-se para fazê-la divina; eis aí o resultado a que tende a Iniciação e, portanto, o mínimo que se pode exigir do postulante é que observe, na vida, irreprovável conduta e saiba permanecer honrado no lugar, — por modesto que seja, — que ocupa entre seus concidadãos. Deverá justificar seus meios de existência, a lealdade de suas relações e não se admitirá que engane ao próximo nem que trate com leviandade as promessas feitas sob o império da paixão. Sofrer honradamente as consequências de seus atos sem se esquivar covardemente aos seus resultados é conquistar a simpatia dos Iniciados e merecer sua ajuda para evitar as dificuldades.

Uma vez satisfeitas as condições prévias de moralidade, garantidas pelo bom renome do candidato, sua primeira obrigação formal concerne à discrição. Deve comprometer-se a guardar silêncio em presença de profanos, posto que a Iniciação confia segredos que não devem ser divulgados.

Trata-se, em primeiro lugar, de um conjunto de tradições que não devem cair em domínio público. São, em sua maior parte, sinais convencionais através dos quais os Iniciados se reconhecem entre si. Seria desonroso divulgá-los, e todo homem digno deve guardar os segredos que lhe foram confiados. Além disso, o indiscreto resultaria culpado de impiedade, a ponto de *os verdadeiros mistérios* não lhe poderem ser confiados de maneira alguma.

Com efeito, os pequenos mistérios convencionais são simplesmente símbolos de segredos muito mais profundos, e o Iniciado deve descobri-los conforme o programa da Iniciação. Estamos agora muito distantes das palavras, atitudes, gestos ou ritos mais ou menos complicados. Tudo o quanto afeta nossos sentidos não pode, de maneira alguma, traduzir *o verdadeiro segredo*, e ninguém jamais o divulgou, por ser de ordem puramente espiritual. A força de aprofundar, o pensador concebe aquilo que ninguém conseguirá penetrar sem observar certa disciplina mental. Esta disciplina é a dos Iniciados. Através das alusões simbólicas podem comunicar entre si seus segredos, mas nada, absolutamente, poderá entender quem não esteja preparado para compreendê-los. De outra parte, nada é mais perigoso que a verdade mal compreendida, daí a obrigação de calar imposta aos que sabem.

Ensinaí progressivamente, de acordo com as regras da Iniciação ou, do contrário, calai. Sobretudo, cuidai de não fazer alarde de vosso saber. O Iniciado é sempre discreto: não pontifica, foge ao dogmatismo e esforça-se em todas as circunstâncias e em todo lugar para encontrar uma verdade que têm consciência de não possuir.

Bem ao contrário das comunidades de crentes, a Iniciação não impõe nenhum artigo de fé e limita-se a colocar o homem frente ao que pode ser comprovado, incitando-o a adivinhar o enigma das coisas. Seu método reduz-se a ajudar o espírito humano em seus esforços naturais e espontâneos de adivinhação racional. Opina, além disso, que o indivíduo isolado se expõe a um fracasso ao aventurar-se com temeridade no domínio do mistério. Esta exploração é perigosa, o caminho está cheio de obstáculos e, de ambos os lados, sobejam os abismos. Quem sozinho empreende a viagem corre o risco de deter-se logo, mas deve-se levar em conta que ninguém ficará abandonado às suas próprias forças se merecer assistência, porque a mútua ajuda é o primeiro dever dos Iniciados.

Tende as crenças que melhor vos pareceis, *mas senti-vos solidários com vossos semelhantes*. Tende a firme vontade de ser útil, de desenvolver vossa própria energia para revertê-la em benefício de todos; sede completamente sinceros para com vós mesmos em vosso desejo de sacrifício e, então, tereis direito a que os guias que aguardam no umbral sagrado venham a conduzir os legítimos solicitantes.

Todavia, é preciso deixar-se guiar com confiança e docilidade, fortalecido por esta sinceridade que impõe o respeito e também traz consigo responsabilidades de muita gravidade. Estabelece-se um verdadeiro pacto entre o candidato e seus iniciadores: se aquele preencher os requisitos, devem estes lhe dispensar sua proteção e preservá-lo dos tropeços que podem afastá-lo do caminho da luz.

Tende muito em conta que os guias permanecem invisíveis e evitam impor-se. Nossa atitude interna pode atraí-los, e acodem à chamada inconsciente do postulante, desejosos de suportar as cargas que a Iniciação impõe. Tudo depende de nossa coragem, não em sofrer algumas provas meramente simbólicas, senão que para sacrificarmo-nos sem reservas.

Ninguém pode se iniciar lendo ou assimilando doutrinas por sublimes que sejam. A Iniciação é essencialmente *operante*; requer *pessoas de ação* e rechaça os curiosos. É preciso consagrar-se à *Magna Obra e querer trabalhar* para ser aceito como aprendiz, em virtude de um contrato formal em realidade, como se levasse estampada vossa assinatura.

As obrigações contraídas são o ponto de partida de toda verdadeira iniciação. Guardai-vos, portando, de bater à porta do Templo, se não houverdes tomado a decisão de ser, daqui para diante, um homem diferente, disposto a aceitar deveres maiores e mais imperativos que os que se impõem à maioria dos mortais. Tudo fora ilusão e engano ao querer ser iniciado gratuitamente, sem pagar de nossa alma o privilégio de ser admitido a entrar em união fraternal com os construtores do grande edifício humanitário, cujo plano traçou o Grande Arquiteto do Universo.

Capítulo III

A Preparação do Candidato

Solicitar a iniciação não é algo superficial. É necessário firmar um pacto. A verdade não tem firma estampada, visível e externa, não vá junto com uma pena encharcada de sangue, senão que moral e imaterial, comprometendo puramente a alma consigo mesma. Não se trata aqui de um pacto com o diabo, espírito maligno e, por certo, fácil de enganar, mas, na realidade, trata-se de um comprometimento bilateral e muito sério, cujas cláusulas são iniludíveis. Os iniciados, com efeito, contraem deveres muito sérios com o discípulo que admitem em seus templos e este fica, por sua vez, unicamente pelo ato de sua admissão, ligado de modo indissolúvel a seus Mestres.

Seguramente, é possível enganar nossos Mestres e burlar suas esperanças ao nos revelarmos maus discípulos, depois de lhes haver feito conceber grandes esperanças. Mas toda experiência resulta instrutiva e, por dolorosa que seja, ensina-nos a prudência; quem resta, ao final, confundido é o presunçoso que quis empreender uma tarefa superior às suas forças. Na verdade, se sua ambição se limita a luzir as insígnias de uma associação iniciática como a Franco-Maçonaria, pode, com pouco dinheiro, pagar-se esta satisfação. Mas as aparências são enganadoras e, do mesmo modo que o hábito não faz o monge, tampouco pode o avental fazer por si só o Maçom. Ainda que alguém fosse recebido na devida forma e proclamado membro de uma Loja regular, poderia ficar para sempre profano no que se refere ao seu interior. Uma fina capa de verniz iniciático pode induzir em erro as mentes superficiais, mas não

pode, de modo algum, enganar o verdadeiro iniciado. A Iniciação não consiste em num espetáculo dramático nem aparatoso, sem que sua ação profunda transmute integralmente o indivíduo.

Caso a Magna Obra dos hermetistas não se verificar em nós, seguiremos sendo profanos e jamais poderá o chumbo de nossa natureza transmutar-se em ouro luminoso. Mas quem seria bastante crédulo para imaginar que tal milagre pudesse ter lugar em virtude de um apropriado cerimonial? Os ritos da iniciação são apenas símbolos que traduzem, em objetos visíveis, certas manifestações internas de nossa vontade, com a finalidade de ajudar-nos a transformar nossa personalidade moral. Se tudo se reduzisse ao externo, a operação não daria resultado: o chumbo permanece chumbo, ainda que recoberto de ouro.

Entre os que lerem estas linhas, ninguém, por certo, há de querer ser iniciado por um método galvanoplástico. O que se chama *toque* não se aplica à Iniciação. O iniciado verdadeiro, puro e autêntico não se contenta de um verniz superficial: deve trabalhar ele mesmo, na profundidade de seu ser, até matar nele o profano e fazer com que nasça um homem novo.

Como proceder para obter êxito?

O Ritual exige, como primeiro passo, que se despoje dos metais. Materialmente, é coisa fácil e rápida; sem embargo, o espírito se desprende com dificuldade de tudo quanto o deslumbra. O brilho externo o fascina e é com profundo pesar que se decide a abandonar suas riquezas. Aceitar a pobreza intelectual é condição prévia para ingressar na confraternidade dos Iniciados, como também no reino de Deus.

Ser consciente de nossa própria ignorância e rechaçar os conhecimentos que acreditamos possuir é o que nos capacita a aprender o que desejamos saber. Para chegar à Iniciação, é preciso voltar ao ponto de partida do próprio conhecimento, em outros termos: à ignorância do sábio que sabe ignorar o que muitos outros figuram saber, quicá demasiado facilmente. As ideias preconcebidas, os preconceitos admitidos sem o devido contraste falseiam nossa mentalidade. A iniciação exige que saibamos desprezá-los para voltar à candura infantil ou à simplicidade do homem primitivo, cuja inteligência é virgem de todo ensinamento pretensioso.

Podemos pretender o êxito completo? É, desde logo, muito duvidoso; mas todo sincero esforço nos aproxima da meta. Lutemos contra nossos preconceitos, buscando nos livrar de nós mesmos; sem pretender atingir uma libertação integral, este estado de ânimo favorecerá nossa compreensão que se abrirá, assim, às verdades que nos incumbe descobrir, principiando nossa instrução.

Em primeiro lugar, o desenvolvimento de nossa sagacidade. Ser-nos-ão propostos enigmas, a fim de despertar nossas faculdades intuitivas, posto que, antes de tudo, devemos aprender a adivinhar. Em matéria de iniciação, não se deve inculcar nada, nem se impor nada, ainda que com o mínimo espírito. Sua linguagem é sóbria, sugestiva, cheia de imagens e parábolas, de tal maneira que a ideia expressa escapa a toda assimilação direta. O iniciado deve negar-se a ser dogmático e guardar-se-á de dizer: “Estas são minhas conclusões; acreditai na superioridade de meu juízo e aceitai-as como verdadeiras”. O iniciado duvida sempre de si mesmo, teme um possível equívoco e não quer se expor a enganar os demais. Assim é que seu método remonta até o nada saber, à ignorância radical, confiando em sua negatividade para preservar-lhe de todo erro inicial.

Entre os que pretendem ser iniciados, por se haverem empapado de literatura ocultista, quantos haverão de saber depositar seus metais? Se eles faltam, de tal sorte, ao primeiro de nossos ritos, é de todo ilusório o valor de sua ciência, tanto mais mundana quanto mais originária de dissertações profanas. Tantos quantos tentaram vulgarizar os mistérios, profanaram-nos; e os únicos escritores que permaneceram fiéis

ao método iniciático foram os poetas, cuja inspiração nos revelou os mitos, e os filósofos herméticos, cujas obras resultam de propósitos ininteligíveis à primeira leitura.

A iniciação não se dá nem está ao alcance dos débeis: é preciso conquistá-la e, como o céu, só a conseguirão os decididos. Por isso se exige do candidato um ato heroico: deve fazer abstração de tudo, realizar o vazio em sua mente, a fim de logo poder criar seu próprio mundo intelectual, partindo do nada e imitando Deus no microcosmo.

Capítulo IV

A Descida a si Mesmo

Ao despojar-se dos metais, o candidato afasta sua atenção do aspecto externo das coisas e esforça-se por esquecer as revelações dos sentidos, para concentrar-se em si mesmo. Uma venda é colocada sobre os seus olhos, e a noite o envolve. Começa a descer, rodeado de trevas e, por inumeráveis degraus, chega, finalmente, ao próprio coração da câmara. Então, cai a venda e o neófito vê-se aprisionado em um sepulcro. Compreende que chegou a hora da morte e conforma-se; mas, antes de renunciar à vida, redige o testamento que concretiza suas últimas vontades.

Não se trata de dispor de alguns bens que já não possui, posto que foi necessário renunciar a tudo quanto possuía para poder sofrer as provas. Despojado de tudo quanto não constitui seu verdadeiro ser, pode dispor unicamente do que lhe resta, fazendo doação de sua energia fundamental. Concentrado em si mesmo, e depois de fazer abstração de tudo quanto é alheio à sua natureza primordial, o indivíduo encontra-se frente a frente com seu próprio espírito, com o foco imaterial de seus pensamentos, de seus sentimentos e de sua vontade. Tem consciência de ser, em última análise, uma força, uma energia, cuja livre disposição lhe pertence.

Como entende aplicar essa energia? Eis aí o problema que deve resolver ao redigir seu testamento. Se ele procura então indagar qual é o melhor caminho, poderá ver claramente que a vontade individual não saberia se aplicar a ideal mais alto do que a realização do supremo bem. Esta constatação incita-o a consagrar-se à Magna Obra, e toma a resolução de trabalhar de acordo com os princípios dos Iniciados, para a melhora da sorte da humanidade.

Já pode morrer para a existência profana, uma vez tomada essa resolução. Com efeito, o homem comum não se inspira senão que no egoísmo. Imagina-se ser, ele mesmo, sua própria finalidade e, com gosto, considera-se como o centro do mundo. Nisto difere o Iniciado: ao voltar-se para si mesmo, reconheceu sua própria insignificância. Sua consciência lhe diz que não é nada por si mesmo, mas que forma parte de um imenso todo. É tão-só humilde átomo deste conjunto, mas essa célula individual, fragmento de um organismo muito maior, tem sua razão de ser na própria função que lhe toca desempenhar. Assim é que toda a ciência iniciática tem por base o reconhecimento de nossa relação ontológica com o *Grande Adão* dos cabalistas, ou seja, a Humanidade considerada como o ser vivente no seio do qual vivemos e do qual emana nossa própria vida.

Sendo assim, que irá significar para nós a palavra *viver*? Devemos acaso pretender as satisfações individuais? Sim, mas dentro de certos limites. Todo embrião em via de desenvolvimento deve, a princípio, monopolizar e atrair até si a substância circundante, dando mostra de feroz avidez. O instinto vital procede de um egoísmo inerente à própria natureza das coisas e possui um caráter sagrado, quando tem por finalidade a construção indispensável do indivíduo. A caridade bem ordenada começa por nós mesmos, e é preciso adquirir antes de poder dar. Mas os hábitos de aquisição tendem a perdurar mais

além do termo normal. Chegado ao seu pleno desenvolvimento, o indivíduo fica exposto a seguir ignorando seu destino superior, a não mais pensar, senão em si mesmo, deixando a direção da vida apenas aos seus apetites.

Contanto que, obedecendo aos seus impulsos naturais, o indivíduo saiba lembrar-se de seus semelhantes, portando-se com eles de forma equilibrada, poderá conduzir-se em leal unidade com o rebanho humano. Será credor da estima dos Iniciados, se soube levar a cabo fielmente a tarefa que lhe correspondeu. O imenso organismo humanitário requer múltiplas funções de infinita variedade; feliz de quem sabe responder lealmente às longínquas chamadas de sua vocação.

Tudo isso se refere ao mundo profano que os Iniciados cuidam bem em não menosprezar. A honradez consiste em não prejudicar ao próximo nem causar dano a ninguém, conservando nossa liberdade para buscar satisfações lícitas. É colocar em prática o “cada um para si”, mantendo-se em seus justos limites para que seja possível a vida em comum entre indivíduos civilizados.

Desde logo o estado de civilização que resulta da aplicação desses princípios constitui um imenso progresso sobre os costumes selvagens dos primeiros tempos, quando não se reconhecia outra lei senão que a dos apetites desencadeados. Mas a humanidade tem aspirações muito mais elevadas. Quando compreende que o homem não é nada por si, buscará mais estreito contato com a fonte de sua vida e de sua existência. Terá a convicção de que sua vida verdadeira não é esta mísera vida da personalidade, senão a Grande Vida que anima a todos os seres. Então saberá *morrer* para as mesquinharias de sua esfera individual, para, no mesmo instante, *nascer* para uma vida superior muito mais ampla que é a da espécie humana vista em conjunto. Em outras palavras, é questão de deixar o personalismo, para chegar a humanizar-se no mais amplo sentido da palavra.

O que caracteriza o profano é precisamente esse personalismo. Tem fé em si mesmo, neste “eu” que acredita imperecível, e quer assegurar sua salvação eterna. Um cândido egoísmo constitui o motivo de todas as suas ações, inclusive das mais generosas.

Ao contrário, o Iniciado não conserva a menor ilusão no tocante à sua personalidade. Não vê nela mais que um efêmero conglomerado destinado a dissolver-se mais tarde e por meio do qual se manifestam, transitoriamente, certas energias permanentes de ordem geral e transcendente. Ao descer a si mesmo, acha-se em presença, — não de um pobre eu raquítico, — senão que de um vazio sagrado no qual vê refletir-se a divindade.

É então que chega a compreender que todos somos deuses, como diz o Evangelho (João, X, 34) e como o expressa o Salmo LXXX, 6: *Está dito, Deuses sois e filhos todos do Soberano.*

Mas, se o animal, ao tomar consciência de sua *hominalidade*, contrai deveres muito mais extensos, muito mais, com tal motivo, vamos ter de exigir do homem que penetrou o segredo de sua divina natureza. Uma formidável responsabilidade nos incumbe em virtude de nossa qualidade de deuses, já que o Universo passa a ser nosso absolutamente, do mesmo modo que a coisa pública (*res publica*) passa a ser propriedade do cidadão consciente da soberania nacional.

O homem-deus não pode já se contentar em viver como homem-animal honrado. Sente-se responsável pelos destinos mundiais e compreende que deve completar a criação. Aqui o temos chamado a ordenar o caos moral em que se agita a humanidade. Sua tarefa é coordenar e construir. Como e de que maneira? Não o sabe ainda, mas quer ingressar na escola dos construtores e ser iniciado em sua arte. Daqui para frente, eles poderão instruí-lo, porque a chispa do fogo sagrado brotou em seu interior.

Haveis acaso penetrado até o fogo central de onde, sob a cinza das impressões externas, segue ardendo o fogo divino, vós todos que pretendeis haver alcançado a categoria de iniciados? Em vosso afã de subir rapidamente, não se deu acaso haverdes esquecido de baixar primeiro? Tanto pior para vós, se já vos falhou a primeira operação da Magna Obra, a que simboliza a cor negra, pois, sem esta base prévia, tudo será inútil.

Saber morrer: aqui está o grande segredo que não se pode ensinar. Deveis encontrá-lo ou, do contrário, vossa iniciação não passará de fictícia, como sucede infelizmente na maior parte das vezes.

Sem haver morrido realmente para as atrações profanas, o falso iniciado não pode renascer para a vida superior, privilégio reservado aos poucos que souberam regenerar-se pela compreensão da divindade humana. Para conseguir a iniciação, é preciso sofrer a morte iniciática, operação árdua e eliminatória; entre o grande número de candidatos, apenas um pequeno núcleo de eleitos obtém o êxito.

Preparai-vos, pois, para esta morte, se quiserdes ser iniciados; de outro modo, apenas o rito tradicional, em si, nada pode dar, posto não ser mais que uma forma oca e enganadora de superstição; sabeis morrer ou, do contrário, melhor será renunciar modestamente, de antemão, à Iniciação.

Capítulo V

A Conquista do Céu

Não basta aprofundar. Triste sabedoria a que consiste em retrain-se em si mesmo e desinteressar-se do mundo exterior. A imersão nas trevas onde se desvanecem as aparências não é uma meta, é apenas uma etapa do itinerário que o Iniciado é obrigado a seguir. Se descemos, é para subir outra vez e o nível que podemos atingir na subida depende justamente das profundezas que soubemos sondar. Se fosse possível penetrar até o próprio fundo do abismo infernal, seguramente, poderíamos chegar de rebote até o céu, pois a força ascensional está na razão direta da intensidade da queda. O espírito superficial não sabe descer nem subir, apegado ao solo, há de seguir suas ondulações, sem poder chegar a concepções profundas nem abraçar amplos horizontes.

Muito bem: o que, antes de tudo, distingue o Iniciado é a profundidade de seu pensamento, como também o limitado de suas visões.

Livre já de todas as apreciações rasteiras do profano, deve chegar a compreender o que existe, tanto por baixo, quanto por cima das coisas que percebe na vida corrente e as primeiras provas iniciáticas fazem precisamente referência a esse duplo campo de exploração.

Ao sair da tumba onde se encerrou para morrer de livre e espontânea vontade, o candidato sobe até o cume do monte evangélico e dali pode divisar todos os reinos da Terra. Nem o acompanha o Diabo, nem lhe promete a posse do mundo, se consente em adorá-lo. Para quem chegou a tais alturas, a tentação está bem em fugir de todo o material. Mas este perigo não pode ameaçar ao futuro iniciado e, pela prova do ar, volta de repente à realidade positiva. Após descer tão profundamente como soube, para logo alcançar os mais sublimes cumes, deve voltar ao nível normal de equilíbrio, capacitado já, tanto por sua queda, quanto por sua ascensão, para apreciar rigorosamente o mundo, teatro de sua ação iniciática.

As profundezas complementam-se com as abstrações geradoras das coisas. No segundo Fausto, Goethe nos fala das terríveis divindades que chama de *as Mães*. Apesar de sua dialética dissolvente, Mefistófeles

não se atreve a aproximar-se destas eternas criadoras de formas; nem as rodeia o espaço, nem as afeta o tempo. Em seu isolamento coletivo, concebem as imagens criadoras, os arquétipos de tudo quando se vai construindo. Por intermédio dessas deusas, o Ser brota sem descontinuidade da matriz tenebrosa do Nada. O pensador desejoso de aprofundar pode fazer considerações acerca desse tema que a sutil poesia de Goethe lhe apresenta.

De outra parte, o inferno não é, em Iniciação, outra coisa que o caminho do céu. Quem sondou o Nada descobre ali mesmo o Todo. Quando descemos até o próprio fundo do abismo de nossa personalidade, chegamos a descobrir nela a personalidade que atua no Universo, então, somos capazes de nos colocar acima de todas as contingências, para considerar as coisas de um ponto de vista diferente: o da potência que governa o mundo. Para ver realmente as coisas do alto, é necessário substituir-se, em espírito, ao próprio Deus. E não digam que isso é ímpio; nada pode ser tão saudável para nosso ser moral como a ginástica mental da sublimação filosófica preconizada pelos Hermetistas.

Segundo o sistema alegórico, o indivíduo que há de ser objeto da Magna Obra deve ficar encerrado em um ovo. Ali entra em putrefação e, por fim, chega à *cor negra*, representativa da morte iniciática do candidato. De outra parte, a putrefação libera o sutil que se desprende do espesso e sobe até o céu deste mundo em pequena escala, simbolizado pela matriz hermeticamente fechada com a massa que usa o alquimista. Nas alturas, não se faz sentir a ação do fogo central (infernai), e as evaporações se condensam, para cair em forma de chuva sobre o cadáver do indivíduo. Este último experimenta, de tal sorte, uma série de lavagens, graças às águas em suas alternativas evaporação e condensação, até que, ao término das abluções, apareça como testemunho a *cor branca*.

Do mesmo modo que desceu tão-só para subir mais alto logo depois, assim mesmo, o candidato sobe para cair outra vez em seu campo de atividade. Certos mitos antigos dão a entender que o sábio não deve iludir sua missão terrena. Como mortal, não deve desdenhar a Terra nem tem direito a burlar suas leis. Ainda que divinizado em duas terças partes (e, por conseguinte, muito adiantado em Iniciação), Gilgamés, o herói caldeu, teve de regressar a Ourouk para voltar à tarefa que abandonou no afã de conquistar a imortalidade. Podemos aspirar ao sublime e fugir, por um momento, aos vínculos da matéria, mas nosso campo de ação é a Terra e a ela devemos voltar.

Tal é a moral comum a todos os mitos de ascensão. Os de Adapa e de Etana são muito característicos desse ponto de vista.

Em sua qualidade de favorito de Ea, deus da Suprema Sabedoria, Adapa beneficiava-se de um vasto entendimento, todavia, não da Vida Eterna.

De outra parte, Adapa alimentava a cidade de Eridou com cereais, bebidas e peixes. Um dia, enquanto pescava, o vento sul arremeteu-se contra sua embarcação, afogando o protegido de Ea que, lutando, sem embargo, conseguiu destroçar as asas do vento inimigo. Logo, Anou, rei do céu, deu-se conta de que já não soprava o vento Sul e, indagando a razão disso, soube da façanha de Adapa e decidiu castigá-lo. Chamado a comparecer à sua presença, Adapa encaminha-se ao céu e chega à porta, cuja entrada guardam Tammouz e Gishida. Estas duas divindades o acolhem com benevolência, e prometem-lhe interceder em seu favor junto a Anou, advertindo-o de que o deus lhe oferecerá um alimento e uma bebida de morte que Adapa deverá recusar.

Durante seu interrogatório, sabe atrair os favores de Anou, e o deus, em seu desejo de conceder-lhe a imortalidade, oferece ao benfeitor de Eridou um alimento e uma bebida de Vida. Mas Adapa atém-se à advertência recebida que sabe emanada de Ea; aceita unicamente a roupa que lhe oferecem e deixa-se

ungir com os sagrados óleos antes de voltar à Terra seguido pela vista benevolente de Anou. Quanto à ascensão de Etana, verifica-se graças à amizade da águia socorrida pelo eleito dos deuses.

Predestinado a reinar sobre os homens como pastor, Etana só pode encontrar no céu as insígnias de uma dignidade cuja natureza mais parece mágica ou espiritual. Enquanto isso, Etana agita-se sobre a Terra, inquieto com sua obra em perpétuo estado de gestação. Em suas angústias, suplica a Shamash, o deus Sol, que lhe indique a erva de parto (de realização), e Shamash responde- lhe: “Vá andando até chegar ao alto do monte”.

Etana obedece e, por fim, chega um dia à borda de uma greta da montanha onde jaz, maltratada, uma águia com as asas feridas por uma serpente, cuja prole havia devorado. Etana cuida do pássaro ferido que recupera as forças e sara pouco a pouco.

Ao cabo de oito meses, a águia recupera por completo o uso de suas asas e propõe a Etana levá-lo ao céu, para juntos prosternarem-se à entrada da porta de Anou, de Bel e de Ea. A águia conhece também a entrada da porta de Sin, de Samash, de Adad e de Istar. Teve ocasião de contemplar a deusa em todo seu esplendor, sentada sobre seu trono com uma guarda de leões.

Etana aceita a proposta da águia e abraça estreitamente a ave, ombros contra peito, flancos contra flancos, braços estendidos sobre as penas das asas. Carregada de tal sorte com um peso que se adere a ela exatamente, sem impedir nenhum de seus movimentos, a águia vai subindo pelo espaço de horas e pergunta então a Etana que impressão lhe produz a Terra: “Nem abarcando o mar parece maior que um simples pátio”.

Após duas horas de ascensão, a Terra e o Oceano parecem-se a um jardimzinho rodeado por um riacho. Sobem mais ainda e, transcorridas outras duas horas, Etana, apavorado, perde completamente de vista a terra e o mar imenso.

Sua vertigem paralisa a águia que cai durante duas horas, e continua a cair por outra e outra hora ainda. Por fim, a águia estatela-se sobre o solo, e Etana parece transformado num rei fantasma.

Sob o ponto de vista iniciático, este mito resulta muito instrutivo, apesar de parecer meio obscuro em razão de não haver chegado íntegro até nós. Ainda que seja verdade que, para conquistar a dignidade real, o iniciado deva transcender as baixezas humanas, seu reino não é deste mundo, mas do “astral”, como o de Etana, o sonhador inquieto, que busca a maneira de realizar seus ideais.

Tanto se trate de conquistar o céu como de construir uma torre semelhante à de Babel, o simbolismo é o mesmo. Também podemos ver como corresponde ao mito de Etana a chave do Arcano XVI do Tarô, intitulada a *Casa de Deus*, que nos representa a queda de dois personagens, um deles coroado. Para a maior parte das pessoas, isso alude às empresas quiméricas, como, por exemplo, a descoberta da Pedra Filosofal que perseguiram os “sopradores”, esses alquimistas vulgares, incapazes de penetrar o esoterismo das alegorias herméticas. Na realidade, a queda é uma das provas previstas em iniciação, e o candidato é elevado tão-só para cair de maior altura. Ao atravessar o ar, em sua queda, verifica-se a purificação; é outro homem inteiramente diferente quando chega a terra, maltratado, sim, mas capaz de erguer-se para prosseguir seu caminho.

Para chegar a ser dono de si mesmo, é de todo necessário apartar a atenção do mundo exterior, para internar-se na noite da personalidade verdadeira; logo, depois de haver-se fechado em si mesmo, há que sair outra vez por meio da sublimação iniciática. Além disso, não estamos destinados a viver em nosso

foro íntimo nem tampouco fora de nós mesmos. Uma tarefa nos espera neste mundo objetivo do qual somos parte integrante e, para tanto, não podemos desaparecer numa vida meramente interior e, por aí, absolutamente estéril. O Iniciado deve descer a si mesmo, mas não perde tempo na contemplação de seu umbigo, ao modo dos anacoretas orientais. Tampouco ignora o caminho da saída sublimatória, mas tem muito cuidado em não permanecer no limbo e, ao contrário, abandona-se à queda salutar.

A Iniciação não tem por objetivo satisfazer curiosidades indiscretas. Não vem revelar os mistérios do inferno nem os do céu; instrui-nos tão-só nos segredos da Magna Obra e limita-se a preparar, por uma educação prática, obreiros dóceis às diretivas do G.:A.:D.:U.:

Graças à sua queda, o candidato criou raízes nas profundezas de seu ser; sua força ativa estimula-o poderosamente e infunde-lhe a indomável energia dos Ciclopes; depois, sem romper seus vínculos infernais, sumamente elásticos e extensíveis, empreende a subida e vai roubar o fogo do céu, capacitando-se a poder aplicar ao trabalho as potencialidades, tanto superiores quanto inferiores. Esta união interna dos dois extremos estriba seu poder de Iniciado.

Capítulo VI

A Posse de si mesmo

Criatura encarnada, o homem tem por campo de ação a superfície de nosso planeta e a ela temos de voltar, impelidos pela força dos fatos; com efeito, não é próprio de nossa natureza permanecer nas alturas etéreas. Se somos transportados a tão elevadas regiões, é pelo efeito da lei dos contrastes, depois de haver chegado até as tenebrosas entranhas da terra. Nossas tendências nos inclinam alternativamente aos extremos opostos, até que saibamos encontrar a posição de equilíbrio sobre o terreno que há de ser o teatro de nossa fecunda atividade.

Após retornar do arrebatamento muito alto, acima das mesquinhas humanas, voltamos a cair pesadamente sobre o solo endurecido da realidade brutal. Ainda que nos machuque a queda, em troca, o susto nos acorda de nossos sonhos. Ao observar da melhor maneira que sabemos através da névoa que nos rodeia, procuramos muito mais ouvir que ver distintamente, damo-nos conta de haver aterrissado em pleno campo de batalha, onde os adversários, como duelistas, esgrimem suas armas. É o campo dos conflitos. Cada um aí defende sua causa com aspereza, entrincheirado em seu ponto de vista, sem querer levar em consideração o modo de ver de seu oponente.

Impregnado da harmonia das serenas regiões, o sábio guarda-se de imiscuir-se nas disputas dos combatentes. Se acaso desliza entre os pares, nem sequer percebem sua presença os gladiadores excitados pela luta. Suas disputas parecem-lhe pueris: é que soube elevar-se mais além das discussões vulgares que inspira o espírito de partido.

Por que os homens não chegam a se entender? Simplesmente por seu inveterado costume de praticar, — muitas vezes sem se dar conta, — a mais absoluta parcialidade. Um, por exemplo, proclamar-se-á republicano e tão-só querará ver as janelas da república para opô-las triunfalmente aos inconvenientes da monarquia. O monarquista fará exatamente o contrário, e será interminável a contenda nesta matéria como em qualquer outra. De tal maneira que, de um extremo ao outro da terra, não cessa o estrondo das vãs contendas, tão logo apaziguadas, se os homens aprendessem a julgar com equidade. Muito ao contrário, o republicano fervoroso considera uma impiedade reconhecer o bom que pode haver na monarquia; o monarquista convicto estima um sacrilégio ver na República algo mais que uma abominação. E o mesmo sucede em todos os aspectos em nosso infeliz planeta. Onde poderemos

encontrar homens que saibam conservar a independência de seu juízo em meio a tantas tendências partidárias?

É por isso que a generalidade dos mortais não se pertence e confessam-no candidamente, ao dizer que pertencem a tal ou qual partido, cuja disciplina acatam, inclusive, com todas as suas estreitezas. Em troca, o Iniciado distingue-se por sua imparcialidade e quer basear seu juízo sobre um exame completo do pró e do contra das causas em litígio. Se suas preferências racionais vão à república, não se vai iludir sobre as debilidades desse regime, nem deixará de reconhecer o que tem feito de bom a monarquia. Em tudo quanto se preste à controvérsia agirá de igual maneira.

Quem julga assim as coisas equitativamente e sem preconceito tem o privilégio de conservar o domínio de si mesmo, intelectualmente. É *livre* e está preparado para ser iniciado se, além disso, for um homem de bons costumes.

Depois de atravessar a grande planície na qual se chocam as opiniões, o candidato chega por fim à margem de um rio de corrente impetuosa que há de atravessar a nado.

O candidato pode negar-se a realizar a prova, muito pouco atrativa, por certo, em razão de torvelinhos ameaçadores. Mas, nesse caso, será questão de contentar-se com uma sabedoria bastante estéril: a do crítico hábil em discernir os erros humanos, mas incapaz de orientar-se em direção à Verdade. Realmente, triste será a sorte do sábio cujo coração se apieda dos duelistas e cuja impotência em dissuadi-los condena-o, à perpetuidade, a ser espectador de sua contenda.

Semelhante impotência repugna ao futuro Iniciado que, distanciando-se do campo de batalha, entra resolutamente no rio. Até aí, para não se filiar a nenhum partido, bastava-lhe permanecer passivo e observar absoluta reserva, a fim de conservar seu domínio próprio. Agora, deve, ao contrário, desenvolver toda sua atividade para poder resistir à investida da corrente: esta corresponde à pressão que determina o pensamento do indivíduo. Nosso pensamento é mais coletivo do que imaginamos comumente. Todos os pensamentos emitidos em um ambiente exercem, por sugestão, uma influência sobre os cérebros compreendidos em sua área. Temos as ideias e a mentalidade de nosso tempo, de maneira que, intelectualmente, não nos pertencemos em absoluto, nem ainda quando permanecemos separados de todo partido, posto que nossos pensamentos são, na realidade, a cópia exata dos que fluem ao nosso redor. Resistir à corrente simbólica é realizar ato de pensadores verdadeiramente independentes; é livrarmo-nos da moda em matéria de pensamento: as modalidades intelectuais do século deixam de impor-se a nós, e nossa imaginação se emancipa da tutela dos convencionalismos. Daqui para diante, podemos conceber idéias que escapam à trivialidade fluvial. Aprendemos a compreender os pensadores da Antiguidade, quando se expressam por meio de imagens completamente desconhecidas de nós no presente. A filosofia inicia-nos nas ciências e nas religiões do passado. Depois de franquear o rio, ficamos purificados de tudo aquilo quanto turvava nosso espírito. Desse modo, somos capazes de forjar uma filosofia liberal e ampla, e podemos chegar, no domínio religioso, até o “catolicismo” integral, graças à assimilação do esoterismo gerador de crenças essencialmente universais.

Podemos agora compreender o significado da prova da Água, à qual há de submeter-se o pensador que não quer se limitar a pensar superficialmente como a massa de seus contemporâneos. Se permanecesse escravo dos preconceitos de seu tempo e de seu ambiente, ser-lhe-ia de todo impossível entrar em comunhão intelectual com os sábios que pensaram antes dele, e cuja herança imperecível deve recolher. Purifiquemos nossa imaginação que, de tal sorte, poderá refletir, — sem deformá-las, — as imagens reveladoras dos mistérios tradicionais. O precioso não pode se perder. Esta verdade que nos importa reconhecer conserva-se viva, e percebem-na os cérebros que souberam tornar-se receptivos às ondas de

uma telefonia sem fios tão velha quanto o mundo. A Iniciação ensina a Arte de Pensar, ou seja, a Arte Suprema, a Arte Real, a Grande Arte por excelência.

O iniciado deve esforçar-se por pensar de uma maneira superior e, para consegui-lo, deve romper toda comunicação com os pensamentos de ordem inferior, negando-se, por um lado, a tomar parte nas querelas de partido, a fim de conservar a plena independência de seu juízo e tendo cuidado, por outro lado, em não se assimilar sem prévio exame das concepções alheias que formam a torrente da opinião pública. A respeito desta última, o pensador mantém uma atitude independente e sabe resistir à corrente que arrasta os débeis. Exteriorizando sua força, evita o domínio intelectual de seu século e a tirania mental do ambiente. Vencedor da torrente, o Iniciado domina-a desde a margem onde assentou suas raízes com firmeza.

Purificado pela água fria que temperou suas energias, o vencedor do elemento fluídico impõe-se já ao rio que nada pode contra sua firmeza. Sem dúvida alguma, não tem o poder de mandar, ao seu capricho, na impetuosa corrente; sem embargo, uma imaginação límpida, em pura calma, exerce sempre uma poderosa influência sobre os ânimos passivos e ajuda-os a refinar e a esclarecer suas ideias.

O espiritualista que sonha iniciaticamente, estimula o sonho e o sonho engendra o sentimento que fará surgir a ação. Tudo quanto há de se realizar começa por ser imaginado.

Ao triunfar do rio, o adepto põe termo ao “trabalho no branco” dos filósofos hermetistas. Não tem ainda o poder de transmutar o chumbo em ouro, mas em sua viagem em busca desse ideal detém-se momentaneamente para produzir a prata, símbolo do sentimental e imaginativo. Esse metal depura as almas e encaminha-as à realização do sonho.

Mas o sonhador ansioso por exercer sua influência de transmutação deve ficar completamente livre. Para não ser escravo de nada, é indispensável que tenha eterna posse de si mesmo, sem pertencer a ninguém mais.

Tenhamos em conta que esta estrita posse de si mesmo nada tem de egoísta. Não é possível alcançá-la, com efeito, sem antes se haver abandonado, para deixar-se guiar pelo deus interno ao qual descobriu ao desviar a atenção do mundo sensitivo, descendo até as profundas trevas da própria personalidade. O iniciado liberta-se e, se entra em plena posse de si mesmo, é para dar-se logo aos demais.

Capítulo VII

O Fogo Sagrado

Fugindo da planície dos conflitos, onde se entrecrocavam simultaneamente os antagonismos, o aspirante atravessa o rio da vida coletiva. Longe de deixar-se levar pela corrente, sabe resistir às suas mais poderosas investidas e afirma desse modo sua individualidade. Por fim, triunfou do elemento líquido e, subindo pelo terreno abrupto da orla, pode, do alto, contemplar as águas, cujos torvelinhos o separam do imenso campo de batalha onde os vivos combatem entre si sem trégua alguma. Essa terra que de hoje em diante pisa é a da paz no isolamento como também, a da morte e a da aridez. Quando volta dá as costas para o rio, se lhe oferece o espetáculo do deserto no qual penetrou Jesus ao sair das águas batismais do Jordão.

O Aspirante interna-se pelas areias em meio às rochas calcinadas. Não há a menor vegetação nem rastro de ser vivente: aqui, o dono absoluto é o sol que tudo seca e mata. Essa luz que não projeta a menor

sombra corresponde à luz da razão humana que pretende fazer omissão de tudo o que não seja ela mesma. Esta razão analisa e decompõe, mas sua própria secura incapacita-a para vivificar o que quer que seja. Bem está que nos esforcemos para raciocinar com absoluto rigor, mas não criemos certas ilusões sobre o poder da razão, cujo trabalho não passaria de demolição, caso fosse chamada a ser a dona absoluta de nossa mente. Tenhamos bem presente que o Iniciado não deve ser escravo de nada, nem sequer de uma lógica levada ao extremo.

Se a verdadeira sabedoria nos aparta da vida, de suas alucinações e de suas quimeras, é simplesmente para ensinar-nos a dominá-la, não ao modo dos anacoretas que a desdenham, senão como conquistadores do princípio vital que anima todas as coisas no universo. A potência que rege o mundo tem por símbolo o *fogo*, tal como o conceberam os alquimistas: muito longe de consumir e de destruir, seu ardor anima e constrói. Propaga-se a tudo quanto vive. Mas o Fogo dos sábios comporta uma infinidade de graus em direta correspondência com as diferentes vidas que produz sua atividade. É preciso que um indivíduo saiba inflamar-se de um ardor divino, se pretende ser algo mais que um autômato incapaz de realizar a Magna Obra. Por mais que a água do rio o tenha purificado externamente, limpando-o, como se diz, de tudo quanto turva o juízo da maioria dos mortais, o aspirante ficaria condenado a vagar sem proveito no domínio da esterilidade, se retrocedesse diante da prova suprema, a do *Fogo*. O ardor do Sol faz-se cada vez maior e anuncia que a prova é iminente. Diante dessa ameaça, o aspirante pode ainda retroceder, permanecendo às margens do rio, estabelecendo ali sua morada, à maneira dos moralistas que perdem seu tempo com lamentações sobre as misérias humanas e belas prédicas que se perdem no deserto.

Mas o Iniciado não desperdiça seu tempo com discursos: é um homem de ação, um agente eficaz da Magna Obra, por cujo meio é criado e transformado o mundo; se o aspirante sente a vocação do heroísmo, não vacilará em expor à chama seu pé desnudo. Não retrocederá, ainda que as chamas surjam sob suas plantas, mas ver-se-á obrigado a deter-se, quando chegarem a formar uma muralha intransponível. Se quiser voltar atrás, que não perca um instante; ainda é tempo, e tem livre o caminho para bater em retirada. Mas, se domina sua angústia e afronta estoicamente a barreira do fogo, esta cresce e forma duas alas. De pronto, forma um semicírculo cujas extremidades se unem por fim, deixando o temerário envolto por completo numa fogueira circular, cujo fogo lhe abrasa. As chamas aproximam-se cada vez mais do aspirante que permanece impávido, disposto a ser consumido pelo fogo.

Com efeito, a purificação suprema é obra do fogo que destrói, no coração do iniciado, até o último germe de egoísmo ou de mesquinha paixão. Este ardor purificante de que falamos aqui não é outra coisa senão o amor que nos sinala São Paulo na I Epístola aos Coríntios, nos seguintes termos:

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine.

E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.

Conhecedor das noções iniciáticas difundidas pela corrente do pensamento helênico, o apóstolo acertou em seu modo de sentir: todos os dons da inteligência, todos poderes de ação serão vãos, se não forem aplicados ao serviço da grande causa do bem geral. É preciso amar, chegar até o sacrifício absoluto de si mesmo, para ser admitido na cadeia de união dos iniciados. É pelo coração, e tão-só pelo coração, que alguém chega a ser maçom, obreiro fiel e colaborador verdadeiro do Grande Arquiteto do Universo.

O cerimonial de recepção é simbólico e representa objetivamente o que deve realizar o candidato em seu foro interno. Se tudo ficasse limitado às formalidades externas, a iniciação seria meramente simbólica, marcando tão-só a admissão numa confraria de iniciados superficiais que souberam conservar um conjunto de exterioridades tradicionais e nada mais. Não se veria mais que a casca do fruto. Sem embargo, no interior está a semente, núcleo central, de tal maneira que o iniciador que trabalha em conformidade com a letra do ritual, põe à disposição do verdadeiro candidato um esoterismo velado que se conserva intacto, ao abrigo de toda profanação.

Quando a maçonaria, ou qualquer outra confraternidade iniciática, faz referência à inviolabilidade de seus segredos, trata-se, não do *continente* dos segredos, sempre comunicável, senão que de seu *conteúdo* inteligível. Pode-se divulgar a letra morta, mas não o espírito que os privilegiados da compreensão saberão penetrar.

De outra parte, é indispensável sentir, para poder compreender. A ponta de uma espada fere o candidato perto do coração no momento de sua admissão no Templo para buscar a luz. Antes de podermos discernir, devemos-nos abrir às verdades cujo germe existe em nós.

Não se deve desprezar o intelectualismo; sem embargo, seu domínio absoluto nos condena a uma estéril e desesperadora atividade especulativa. Caindo no excesso contrário, a iniciação cavalheiresca desdenhava o saber, para enaltecer unicamente o amor, este inspirador das mais sublimes ações. Melhor equilibrados, o hermetismo medieval, o rosacrucianismo e a maçonaria moderna têm preconizado o desenvolvimento simultâneo do intelecto e do sentimento. É indispensável que nos capacitemos a reconhecer a verdade, a fim de conquistar a luz que deve iluminar nossas ações. De outra parte, se não tivermos o acicate de um ideal, como poderíamos nos sentir impelidos à Iniciação? O que atrai e fascina é precisamente uma pressentida beleza. Um amor secreto nos empurra até o santuário e nos infunde coragem para enfrentar os obstáculos das múltiplas provas que ainda nos esperam antes de alcançar o movimento desejado.

Ainda que não pudéssemos compreender mais que medianamente, o essencial seria levar sempre em nosso coração a chama do fogo sagrado, para sermos capazes de nos elevar quando assim o requerer a ação. Os melhores maçons não são os mais eruditos nem os mais ilustrados, senão que os mais ardentes e constantes trabalhadores, porque são os mais sinceros e os mais convictos. Quem ama com fervor está acima daquele que se contenta com o saber: a verdadeira superioridade afirma-se pelo coração, a câmara secreta de nossa espiritualidade.

Os que não souberam amar perderam-se no deserto sem passar pela prova do fogo. Cépticos, arrastam sua vida num eterno desencanto. São verdadeiros fantasmas ambulantes, em vez de homens que honram a vida com energia. Será necessário o sofrimento para ensinar-lhes o amor. Em resumo, o sofrimento não é em si um mal, posto que, sem a dor purificadora, ninguém chega a ser grande.

Capítulo VIII

O Cálice da Amargura

Em seu *Quadro da Vida Humana*, Cebes, que nasceu em Tebas, cidade da Beócia, no Século V a. C., descreve-nos um vasto recinto onde vivem seus habitantes. Uma multidão de candidatos à vida aglomera-se à porta. Um gênio, representado por um venerável ancião, dirige aos candidatos atilados conselhos. Infelizmente, suas sábias advertências sobre a conduta que se deve observar perante a vida são de pronto

esquecidas pelas almas ávidas por viver. Tão logo entram no fatal recinto, sentem-se obrigadas a desfilar diante do trono da Impostura, mulher cujo semblante é de uma expressão convencional e que tem maneiras insinuantes. Ela apresenta-lhes um copo. Não se pode entrar sem beber pouco ou muito. Para viver intensamente, muitos bebem a grandes sorvos do erro e da ignorância; outros, mais prudentes, apenas provam a mágica bebida e, em consequência, esquecem menos os conselhos recebidos e não sentem tanto apego à vida.

Do mesmo modo, um cálice será apresentado ao neófito, quando ingressar na nova vida de Iniciado. O aspirante que acaba de sofrer a prova do fogo refrigera-se com esta água pura e refrescante. Mas, enquanto bebe a grandes goles, a doce bebida torna-se amarga. Quisera então rechaçar o cálice, mas se lhe ordena que beba até as fezes. Obedece, dócil e decidido a suportar a carga de sofrimento que o aguarda. Bebe, mas, – oh! Milagre! – a fatídica bebida volta ao seu primitivo sabor!

Este rito nos inicia no grande mistério da vida que nos brinda com suas doçuras, mas que quer que saibamos aceitar também seus rigores e crueldades.

Quando aceitamos a vida, nossa tendência é de provar tão-só o agradável e desejamos a felicidade como se pudéssemos consegui-la gratuitamente sem havê-la merecido. Isso é desconhecer em absoluto a Lei do Trabalho que vale, necessariamente, para toda a vida. Viver é, em suma, cumprir uma função e, portanto, trabalhar. A Vida é a tal ponto inseparável do trabalho e do esforço, que não se a pode conceber na inércia. Nossa existência é ação. Descansamos para repor as forças, a fim de poder prosseguir com nossas atividades. Quem deixa de obrar renuncia à existência: o descanso definitivo esteriliza e equivale à anulação, à morte!

Para dizer a verdade, é possível, – valendo-se de artifícios, – fugir a toda pena e obrar de maneira que só nos proporcione satisfações. Mas essa tática não produz mais que engano, e a vida sabe vingar-se daqueles que não querem acatar suas leis. Quando menos, o fastio de viver será sua herança.

Para o Iniciado, impõe-se tanto mais a honra de viver, quanto mais ambicione possuir os segredos que são, precisamente, os da própria vida. A Iniciação ensina a viver uma vida superior, ou seja, em perfeita harmonia com a Grande Vida. Compreender bem a vida: eis aqui o objetivo de todo aspirante à sabedoria. Que nos importam os segredos da morte? Em seu devido tempo, nos serão revelados, e não há por que se preocupar com eles. Em troca, devemos viver, e viver de acordo com as exigências da vida.

Estas exigências da vida poderão parecer tirânicas ao profano que não tenha compreendido a existência; uma inexorável necessidade condena-o ao trabalho. Em meio a trabalhos e penas, lamenta-se e revolta-se airoso contra a dor que lhe foi imposta. Esse suplício dura, enquanto não se determina a encontrar o paraíso, tão logo saiba renunciar ao mesmo. Sofrer, trabalhar: significará isso, por acaso, decadência? E quem pode ser forte e poderoso sem antes haver sofrido cruelmente? A alma que quer conquistar a nobreza e a soberania deve buscá-las nas fragas do sofrimento.

Isto não quer dizer, todavia, que seja indispensável buscar o ascetismo ou tormentos intencionais: a vida saberá nos proporcionar provas salutíferas e nos brindará o cálice, convidando-nos a esvaziá-lo com firmeza, sem necessidade, de nossa parte, de aí acrescentarmos qualquer amargor. O Iniciado não teme a dor e sofre com coragem, mas não vive obrigado a amar nem a se comprazer com o sofrimento. Tem fé na vida. Sabe-a misericordiosa, apesar de suas leis implacáveis, e saboreia as doçuras que nos reserva como compensação das penas que nos infringe.

O que devemos buscar é a harmonia, o acordo harmônico com a vida. Não podemos obtê-lo de golpe; é indispensável uma penosa aprendizagem da *Arte de Viver*, a *Grande Arte por excelência*, a Arte que praticam os Iniciados. A vida é sua escola, onde não pode ser admitido aquele que não está decidido a beber do cálice da amargura.

Sem embargo, a vida nos brinda felicidade. Todo ser acredita ter direito a ela, e esta é sua constante aspiração. Vivemos de esperanças, e nos parecem mais leves as penas de hoje, se as ponderarmos com as alegrias de amanhã. A vida corrente pode trazer para nós certas ilusões e tratar-nos como adolescentes, mas a vida iniciática considera-nos homens já maduros, pouco dispostos, portanto, a deixar-se levar por ilusões. A felicidade nos é assegurada, contanto que a saibamos buscar nós mesmos. De nada somos credores sem merecimento: se a vida nos é dada, é para que a utilizemos como é devido, não para desfrutar dela sem pagar tributo. Saibamos, pois, considerá-la sob seu verdadeiro aspecto. Entremos a seu serviço dispostos a consagrarmos-nos ao estrito cumprimento de nossa obra de vida, que deve ser a Magna Obra dos Alquimistas.

Em todos os tempos, a Iniciação foi privilégio dos valentes, dos heróis dispostos a sofrer, dos homens com energia que não pouparam seus esforços. É a glorificação do esforço criador do sábio que chegou à plena compreensão da vida, a tal ponto que, ao viver para trabalhar, consegue romper as correntes do presidiário condenado a trabalhar para viver. Diz o adágio: *Trabalho equivale à Liberdade*, e ainda seria melhor dizer que nos libertamos da escravidão através de nosso amor ao trabalho. É, portanto, questão de desejar o trabalho, de buscar o esforço fecundo sem temor ao sofrimento que possa acompanhar sua realização. Então a vida será, para nós, amena, confortadora e bela.

Assim fica explicado o simbolismo da poção cuja amargura não deve nos desanimar. Podemos devolver-lhe o primitivo sabor, aceitando, simplesmente, a obrigação de beber, até o fim, o Cálice Sagrado da Vida.

Capítulo IX

O Primeiro Dever do Iniciado

A Iniciação não é de ordem meramente intelectual e não tem por objeto satisfazer a curiosidade graças à revelação de certos mistérios inacessíveis ao profano. O que nos vem ser ensinado não é uma ciência mais ou menos oculta nem uma filosofia que nos desse a solução de todos os problemas: é uma Arte, a Arte da Vida.

Muito bem: a teoria pode ajudar-nos a compreender melhor uma arte, mas, sem a prática, não existe artista. Da mesma maneira, não é realmente iniciado quem não possui verdadeiramente a arte iniciática, e é, portanto, de absoluta necessidade aproveitar todas as oportunidades para colocá-la em prática.

De outra parte, como poderemos começar a praticar a arte de viver? Muito simplesmente, procurando ajudar ao nosso próximo. A vida é um bem coletivo: não nos pertence particularmente; para desfrutá-la, devemos participar da vida dos demais, sofrer com os que sofrem e dar quanto de nós dependa para aliviar suas penas.

Quando, em uma Loja maçônica, o Irmão Hospitaleiro cumpre sua missão com respeito ao neófito, vem a recordar-lhe que seu primeiro dever é ajudar aos infelizes. Poderá ver mais adiante que nunca ficam esquecidos os que estão no infortúnio: em toda reunião maçônica é obrigação circular, antes do fechamento, o Tronco de Solidariedade.

Este costume que se observa no mundo inteiro dá à Franco-Maçonaria um caráter humanamente religioso que jamais terão as associações profanas que pretendam nos revelar os mistérios.

Em todos os tempos, têm existido charlatões pontífices e hierofantes: prometem dar-nos uma ciência infalível, um poder ilimitado, a riqueza neste mundo e a felicidade no outro. Não pedem, em troca, mais que a confiança absoluta em suas palavras e o serem reverenciados como semideuses. Inumeráveis são os que se deixam enganar e jactam-se de ser iniciados, depois de conseguirem assimilar algumas doutrinas e de aprenderem a contentar-se com as miragens de certos fenômenos que mais pertencem à patologia. As teorias que tudo explicam e os desequilíbrios psicofisiológicos nada têm a ver com a Verdadeira Iniciação.

Esta, — e nunca se o dirá bastante, — é *ativa*. Torna-nos coparticipantes em uma obra, a Obra por excelência, a Magna Obra dos Hermetistas. A Iniciação não se busca para *saber*, senão que para obrar, para aprender a trabalhar. Segundo a linguagem simbólica empregada pelas escolas de iniciação, o trabalho tem por objetivo a transmutação do chumbo em ouro (Alquimia), ou a construção do Templo da Concórdia Universal (Franco-Maçonaria). Em um caso como no outro, trata-se de um mesmo ideal de progresso moral. O que busca o Iniciado é o bem de todos, e não a satisfação de suas pequenas ambições particulares. Se não morreu para todas as mesquinharias, é prova de que ainda continua profano.

Tendo verdadeiramente passado pelas provas, seu único desejo será colocar-se a serviço do aperfeiçoamento geral, coletivo e, por conseguinte, correr em socorro do companheiro de fadigas assoberbado do pelo peso de sua tarefa. Ajudar ao próximo: eis aí o primeiro dever do Iniciado.

Sua ajuda espontânea irá a quem o chamar. Não se vai deter em buscar se o sofrimento é ou não merecido, se é consequência de um mau carma procedente de encarnações anteriores. Os favorecidos deste mundo não estão autorizados a se acreditarem melhores do que os parias da existência. Uma doutrina que tendesse a sugerir sentimentos de tal natureza resultaria eminentemente anti-iniciática. Quem suporta dignamente a dor é um aristocrata do espírito e é credor de nosso respeito, se a sorte foi mais clemente para conosco. Seus sofrimentos não são necessariamente expiação de algumas faltas que pudesse haver cometido, e sustentar semelhante tese equivale a uma impiedade. Todo esforço produz um sofrimento que torna mais meritório nosso trabalho. A dor é santa e devemos honrar aos que sofrem.

O melhor que podemos fazer é, desde logo, nos solidarizar com eles, compartilhar suas penas e suas angústias e ajudá-los, do melhor modo que saibamos, material e moralmente. Toda iniciação que não comece pela prática do amor ao próximo resulta falaz, por maior que seja o prestígio que se lhe queira dar.

Pelo fruto se conhece a árvore. Ainda que não proporcione à humanidade um alimento de todo são e reconstituente, a árvore pode, sem embargo, oferecer-lhe um abrigo sob seus ramos, por mais que tão-só seja utilizável sua madeira, uma vez cortada. Para julgar uma instituição é, portanto, necessário ponderar os serviços que presta à humanidade. Se não inspirar aos indivíduos sentimentos mais humanos, se, graças à sua influência, não sentirem mais profundamente o amor, se não se tornarem mais serviçais uns aos outros, não terá direito a proclamar-se iniciática, porque a Iniciação se baseia sobre o desenvolvimento de tudo quanto contribui para elevar o homem acima da animalidade: pelo coração, bem mais que pela inteligência.

Podemos compreender assim toda a importância do rito que convida o neófito a contribuir para com a assistência das viúvas e órfãos, em cumprimento ao ser primeiro dever de Iniciado.

Capítulo X

A Obra Magna

Existimos para trabalhar. A inteligência e a sensibilidade servem unicamente para guiar nossa atividade. Portanto, não busquemos nossa razão de ser em nós mesmos, recordando que não se pode cair em maior equívoco do que atribuir tudo a si mesmo. Tudo está unido neste mundo, e o indivíduo tem seu valor como parte integrante da coletividade. Isoladamente, não somos nada e, nesse sentido, o Iniciado deve poder dizer a si mesmo e com absoluta sinceridade: *Sei que não sou nada*. Se do *eu* faço um ídolo, o centro do mundo, o objetivo de minhas preocupações, então, não contendo mais que o vazio, a impotência e a vaidade. Querer viver tão-só para si mesmo é isolar-se da vida universal para condenar-se à morte.

Não posso resistir à tentação de citar, no tocante a esse assunto, o capítulo V de um opúsculo muito raro, editado em 1775 sob o título de *A Magna Obra sem Véus para os Filhos da Luz*.

Segundo uma opinião corrente neste mundo, a vida é curta e, de minha parte, eu a encontro, ao contrário, extremamente longa para muitíssimas pessoas. Quantos encontraremos que não se queixem da brevidade da vida e que não tenham feito, sem embargo, outra coisa senão entediarse ao longo de toda existência? Sim, é demasiado curta a vida para quem pensa, e demasiado longa para quem não pensa. O tempo voa quando trabalhamos e transcorre lentamente quando não fazemos nada. Sem ação, a vida em nada se diferencia da morte, e viver na ociosidade não é viver, mas apenas vegetar. Viver somente para si mesmo é viver pela metade. Interessar-se pela felicidade universal dos homens e trabalhar para isso é viver de verdade e ter a sensação de viver. Quão poucos são os que vivem neste mundo, e quantos são os que vegetam em vez de viver! Os ricos, orgulhosos de sua opulência e embriagados pelo incenso que lhes prodigalizam seus adutores, não podem compreender o que é a vida. Os pobres, oprimidos pelo peso da miséria, humilhados pelo desprezo dos demais, tampouco a podem entender. Aqueles que se encontram em meio a grandes e pequenos, ricos e pobres, preocupando-se, a maior parte do tempo, apenas com aquilo que lhes incumbe, não a sentem tampouco. Quem vive, pois, em lugar de vegetar? Os filósofos. Sim, os filósofos unicamente compreendem o que é a vida, conhecem as oportunidades que apresenta e sabem aproveitá-las. Não vivem apenas para eles mesmos, senão que vivem, ademais, para os outros e, seguindo o exemplo do excelso Hermes, de quem têm por glória serem e chamarem-se discípulos, tão apenas vivem para fazer bem à sociedade humana. Pouco lhes importa que os adulem ou que os ameacem os poderosos da terra, que seus parentes os queiram ou os persigam, que seus amigos os sustentem ou os abandonem; nem por isso deixam de ser filósofos, ou seja, amantes da sabedoria. A vida tem, para eles, tanto mais atrativos quanto mais tempo lhes deixa para fazer o bem a quem o mereça; sua benevolência dirige-se àqueles que vivem para trabalhar, nunca àqueles que trabalham para viver.

Essas linhas nos revelam o Grande Arcano da Filosofia Hermética. A Pedra dos Sábios é um símbolo, como também o ouro filosófico e tudo referente a ele. Na realidade, o segredo de toda verdadeira Iniciação faz referência àquilo que, antes de tudo, interessa ao homem, quer dizer, sua própria vida e o emprego judicioso das energias que ela põe à sua disposição.

O sábio busca a Pedra em seu *foro interno*, como recorda muito bem a engenhosa fórmula tirada da palavra *VITRIOL*, à maneira do acróstico: *VISITA INTERIORA TERRAE, RECTIFICANDO INVENIES OCULTUM LAPIDEM*, ou, em outros termos: *desce a ti mesmo, submete-te às provas*

purificadoras e encontrarás a pedra escondida. Esse tesouro supremo, último objetivo da Iniciação hermética, instrui os ignorantes, cura as enfermidades do espírito, da alma e do corpo; enriquece os pobres e, de modo geral, transmuta o mal em bem. Não é uma *substância*. É um estado de ânimo que confere poderes de ação e influência.

Não se trata aqui, sem embargo, de nenhuma taumaturgia vulgar. Os milagres de detalhe têm um interesse muito secundário ao lado de todo o milagre universal que abarca a totalidade do gênero humano. A *Obra Magna* é um trabalho que não tem princípio nem fim, e seu resultado é *tudo quanto existe*.

Somos seus colaboradores, sem que seja condição indispensável ter consciência disso. Se, ao cumprir a tarefa que nos incumbe, o fazemos com mau humor, sem inteligência nem compreensão, como animal atrelado ao carro, somos meros escravos da necessidade que nos açoita e nos atormenta com seu implacável aguilhão. É essa a sorte do profano que se lamenta, e cuja única preocupação é livrar-se do jugo de um labor obrigatório como de uma pesada carga.

O Iniciado sabe que o trabalho é a razão de sua existência. Longe de querer esquivar-se, sua ambição é adiantar seu trabalho do melhor modo que conhece, empregando nisso todas as suas forças. Seu próprio zelo entusiasta alivia a fadiga que não sente e transforma-a em prazer. É amante do trabalho e se entrega a ele com paixão, atraindo, de tal sorte, uma misteriosa ajuda, graças a qual pode fazer verdadeiras maravilhas. A Iluminação é sua recompensa e já vive sabendo o que é a vida e participando da grande Vida da eterna ação.

Capítulo XI

Os Poderes do Iniciado

A Vida não é em si uma finalidade. Não vivemos pelo gosto de viver, senão em vista de cumprir com um dever. Todo ser vivo tem sua razão de ser, seu posto designado no harmonioso concerto da vida universal. Se existimos, é em razão da tarefa que nos foi sorteada; correspondemos a uma necessidade. Se não fosse assim, não haveria lógica nem ordem no Cosmos, e o mundo não seria mais que um mecanismo cego, trabalhando à-toa sem nenhum proveito, sem realizar trabalho efetivo.

Não é assim que o concebem os Iniciados que sempre acreditaram na Magna Obra. Eles representam-se o universo como uma imensa oficina de construção, na qual cada ser trabalha para a realização de um ideal supremo. Todos somos obreiros providos cada qual das ferramentas adequadas ao trabalho que se nos pede. Daí a estreita relação que podemos notar entre nossas predisposições naturais e nosso destino. Nossas aptidões são o indício de nossa vocação e, portanto, do programa ao qual tende a sujeitar-se nossa vida.

Enquanto os seres vivem instintivamente, obedecem aos seus impulsos e, conseqüentemente, cumprem de modo iniludível toda a série de atos de uma vida em perfeita concordância com as leis da espécie. Este estado de inocência edênica desaparece assim que intervém o discernimento. O ser torna-se autônomo então, e, a partir desse momento, raciocina e toma decisões, não já em virtude de impulsos automáticos e infalíveis em sua esfera de ação, senão que a partir de seu juízo ainda inexperto e propenso ao erro. Ainda assim, este é o privilégio do ser inteligente.

Quando este último reconhece um equívoco, esforça-se por conquistar um discernimento mais perfeito; aspira a não mais se equivocar e busca a sabedoria, esta luz do espírito que sabe distinguir entre o falso e o verdadeiro.

Aqui é de toda necessidade fazer uma advertência de suma importância. Para as escolas profanas, a sabedoria consiste na *posse da Verdade*; mais modesta, a Iniciação contenta-se em orientar em direção à Verdade, à qual considera como um objetivo ideal, ainda que inalcançável. Consciente da debilidade humana, combate o erro sem forjar a ilusão de poder destruir o inimigo. “Errare humanum est”. O homem cairá no erro enquanto for homem, mas seus equívocos poderão ser de maior ou menor importância. Procuremos, pois, nos livrar dos erros mais grosseiros, satisfeitos em haver realizado um progresso e fazendo com que nossa satisfação nos estimule a perseverar na eterna luta contra o erro.

Depois disso, não pode subsistir nenhuma dúvida a respeito da índole do *poder* que servirá de arma ao iniciado em qualquer circunstância. Deve adquirir o poder de discernir o erro. Mas, do mesmo modo que a caridade bem entendida deve se aplicar a si mesmo, da mesma maneira o juízo crítico deve também se aplicar, antes de tudo, ao próprio indivíduo. Os erros alheios não nos interessam minimamente, quando menos de momento, e temos bastante o que fazer com os nossos. Quanto mais soubermos distingui-los, mais potentes seremos contra o erro em geral.

O discernimento é mais indispensável ainda quando se trata da maneira de combater o erro. Devemos respeitar as convicções alheias e evitar atacar seus erros sem atenção. A violência é sempre contraproducente, e jamais poderá ocorrer a ideia de empregá-la, se houvermos conseguido discernir nossos próprios erros: se soubermos reconhecer de boa-fé nossos equívocos, resultar-nos-á também mais fácil admitir a boa-fé dos outros. E mais: saberemos aduzir a eles as razões que nos convenceram, podendo, de tal sorte, dissipar um erro que foi nosso em outro tempo.

O segundo poder que deve procurar adquirir o iniciado é a *benevolência*. Os bons sentimentos que nos animam não deixam de exercer sua influência ao nosso redor. Conferem-nos um verdadeiro poder mágico, e, ao lado deste poder, todas as concentrações de vontade preconizadas pelos ocultistas não são mais que decepções e passatempos de crianças. Esforcemo-nos por querer bem tanto aos maus quanto aos bons. Se souberdes desenvolver esse poder afetivo, disporéis de uma força colossal.

Aprendeí, finalmente, a contrastar vossas volições. Abster-se de tudo querer, e deter nossa vontade é muito mais difícil do que projetar ordens capazes de sujeitar um indivíduo hipnotizável. Se nossa vontade há de ser *operante*, devemos usá-la com parcimônia. Ela não deve servir de brinquedo em mãos de um faquir ou de um mago de salão. Não deveis desejar senão o que merece ser desejado, sem aspirar ao *poder de mando*.

Os três poderes do Iniciado estão em estreita relação uns com os outros, e ninguém alcançará o último sem antes haver conseguido alcançar os dois primeiros. Para terminar, podemos dizer que, fora desse ternário, tudo é vão e ilusório no domínio desses “poderes” que servem de cilada aos aficionados em ciências ocultas.

Os poderes do Iniciado são reais, mas tão-só pode obtê-los à vista do cumprimento de sua tarefa, e somente na medida indispensável para a execução de seu trabalho. Se nos esforcarmos por trabalhar bem, colocarão em nossas mãos as ferramentas ou as faculdades necessárias para levar a bom termo a obra que nos incumbe.

Oxalá possam essas sucintas indicações abrir os olhos daqueles que pudessem ser tentados a considerar a Iniciação à maneira de uma escola de atletismo psíquico ou de um conservatório de magia operante. O verdadeiro Iniciado jamais alardeia seus poderes, e exerce-os discretamente, sem buscar a admiração nem se vangloriar de possuí-los. De outra parte, nunca trabalha isoladamente nem quer medir a parte que

lhe corresponde na colaboração que pôde prestar. Consciente de haver trabalhado tão bem quanto soube, participa do êxito da obra com a modéstia do soldado cuja coragem contribuiu para com a vitória. A Iniciação conduz à humildade, da mesma maneira que a ela conduz a ciência pura ou a religião bem entendida.

Capítulo XII

Os Ensinaamentos da Franco-Maçonaria

Ao propor unir fraternalmente os homens, apesar de tudo quanto tende a separá-los, a Franco-Maçonaria moderna teve o cuidado de não impor aos seus adeptos qualquer sistema de crenças marcadamente delimitado.

Já ao publicar o Livro das Constituições, redigido por James Anderson, declarava, em 1723, que sua intenção era deixar aos homens absoluta liberdade no tocante às suas opiniões, tanto religiosas como políticas. Fiel a essa atitude, a Franco-Maçonaria deixa campo aberto a todas as discussões e abstém-se de pronunciar-se sobre uma em particular, filhas todas da curiosidade humana.

É a grande mudança e, se bem que possua seu segredo, condenou-se ela mesma a não o revelar jamais. Diz-nos: buscai, aprofundai, trabalhai, revolvei o terreno: o tesouro que vos prometo é o mesmo que foi a recompensa dos filhos do lavrador da fábula. Buscar a verdade é compreender que ela nos escapa e, então, aprendemos a ser indulgentes para com os erros dos outros. Daí em diante, abster-nos-emos de condenar, praticando a tolerância, virtude por excelência dos Franco-Maçons.

Depois de tudo, esta não é mais que a obrigatória cortesia com respeito àqueles que opinam de maneira distinta. Com que direito vamos pretender que se enganam eles e nós não? Será que pretendemos possuir um critério infalível para discernir o verdadeiro do falso? O certo é que a Franco-Maçonaria prega, neste ponto, uma humildade verdadeiramente cristã, da qual poderia mostrar-se ciumenta a Igreja.

Temos consciência do pouco que podemos conhecer e inclinamo-nos, com religioso respeito, diante do mistério que nos rodeia. Sem nos querer beneficiar de qualquer revelação sobrenatural, não pretendemos ensinar aos homens no que devem crer; em troca, todo ser humano, animado pelo desejo verdadeiro de buscar a verdade por suas próprias forças e com absoluta independência pode ingressar em nossa escola. Esforçamo-nos por guiá-los em seus esforços de investigação, e poderão aproveitar-se de nossa larga experiência tradicional. Se esperam de nossa parte afirmações concretas, não terão mais que decepções, pois nós mesmos nos proibimos todo dogmatismo sobre qualquer matéria. A todas as questões, a Franco-Maçonaria responde sempre por meio de símbolos em si enigmáticos e que convidam à reflexão. Cada um pode interpretá-los à sua maneira, e tudo que podem sugerir é justo, com a condição de que satisfaçam à lógica. As interpretações contraditórias vêm a nos apresentar uma mesma verdade, mas sob aspectos diametralmente opostos. O Iniciado não sabe, e não estranha isso.

Limita-se a sorrir, vendo a solução materialista de uns e a espiritualista de outros. Que nos importa que existam opiniões contraditórias, se, de antemão, está bem assentado que nada sabemos de definitivo e que ninguém pode se erigir em juiz das convenções alheias?

Mas tirar do antecedente a conclusão de que os franco-maçons não possuem concepção doutrinal alguma comum a todos seria ir demasiado longe. Para poderem perseguir juntos um mesmo ideal é de todo necessário que participem das mesmas ideias e que tenham idêntica maneira de apreciar e de sentir. Qual é, pois, esse laço intelectual e moral que une os Franco-Maçons tanto no tempo como no espaço? A ideia

fundamental da Franco-Maçonaria é a construção de um edifício humanitário; os homens são os materiais vivos e devem eles mesmos trabalhar-se, para logo se ajustarem harmonicamente, formando um edifício único, verdadeiro “Templo da Beleza” que nunca chegará a ser terminado.

Toda iniciação maçônica limita-se a ensinar a arte de construir humanitariamente. Não se vá, pois, pedir-lhe a revelação dos segredos do universo ou da natureza humana: seus segredos são os do trabalho sobre as pedras humanas destinadas a passar de seu primitivo estado grosseiro, inutilizável para nosso edifício humanitário, ao estado de materiais esquadrados e polidos à perfeição, em vista de sua colocação no grande edifício. Por certo, são estes segredos da maior importância, por serem relativos ao mistério da Vida.

Que é a Vida? Que finalidade tem? Como pode o homem colocar-se em harmonia com a vida universal? Todas essas questões são propostas pela iniciação maçônica que não as resolve dogmaticamente, proporcionando, porém, elementos suficientes para responder de modo satisfatório àqueles que sabem interpretar os símbolos.

Sem embargo, as especulações filosóficas preocupam tão-só a um número reduzido de Franco-Maçons que poderíamos chamar de os doutores da instituição. A maior parte não se interessa por análises sutis e fica satisfeita com a parte sentimental. Sua sensibilidade a faz vibrar sob a influência do sentimento geral e poderoso do *amor à humanidade*. Instintivamente, essa multidão divinizou a humanidade e pretende servi-la com desinteresse. Quer o progresso, o melhoramento para todos no porvir.

Eis aí a origem desta fé maçônica ativa e independente de toda opinião particular. A Maçonaria é a Igreja do Progresso humano e, se alguma ação exerce no mundo, é devido às firmes convicções de seus adeptos no advento de uma humanidade melhor, mais clarividente e mais fraterna.

Alguns cépticos querem ridicularizar esta fé que qualificam de cândida; parecem esquecer-se de que, ao compartilharem seu ceticismo com a humanidade, o progresso humano não passaria, com efeito, de uma mera ilusão. Em troca, os convictos confiantes em sua utopia emprestam-lhe uma força de realização que triunfa de todos os obstáculos. Se acreditarmos no progresso e trabalharmos por ele, o progresso será um fato; se o negarmos, teórica e praticamente, nunca chegará a tornar-se realidade. Em matéria de crenças, imitemos as multidões, acreditando com firmeza no que convém crer e, quando menos, não diminuamos uma fé inspiradora muitas vezes de ações generosas. Impõe-se ao Iniciado o silêncio, sobretudo, quando se trata de convicções que servem de base à moral do povo. Tenhamos cuidado em não perturbar bruscamente as almas, sob o pretexto de emancipá-las. Devemos saber calar diante daqueles que não estão preparados para compreender e, ao falar, procuremos mais provocar a reflexão em lugar de querer convencer a qualquer preço. Esta é a sã tradição iniciática.

Capítulo XIII

“Maçonismo” e Franco-Maçonaria

As igrejas cristãs não realizaram senão de uma maneira muito imperfeita o Ideal cristão. Não poderia acontecer outra coisa, pois os homens, considerados em conjunto, não são anjos nem sequer santos. Tampouco são *sábios*, tal como aspira formá-los a Iniciação, e, quando chegam a merecer o título de *filósofos* ou *amigos da Sabedoria*, não são mais que reduzida falange que não encontra colocação adequada em nenhuma das instituições organizadas.

Não deixaria de ser ingênuo figurar-se que uma associação de homens pudesse chegar à perfeição. Os indivíduos podem alcançar uma perfeição relativa, mas não as coletividades, e a Franco-Maçonaria não pode escapar à mesma lei. Demasiado numerosos são seus adeptos para poderem chegar todos ao nível de *Iniciados verdadeiros*; sem embargo, a instituição não deixa de merecer respeito e ser digna de simpatia. Com efeito, trabalha para a realização da Magna Obra, mas a transformação do chumbo profano em ouro iniciático não pode verificar-se instantaneamente nem em virtude uma conjuração mágica.

Um Franco-Maçom é um homem como os outros, menos instruído muitas vezes, que bom número de aficionados às ciências ocultas: consciente de sua ignorância, busca a verdade sem preconceito, com toda sinceridade. Talvez não vá muito longe em suas investigações intelectuais, e deixará tão-só de compartilhar os erros mais grosseiros de seus contemporâneos. Ainda que negativa, essa sabedoria não deixa de ter seu valor.

Mas é pelo coração, bem mais que pela inteligência, que se chega a ser um verdadeiro Franco-Maçom. O adepto efetivo é, antes de tudo, *um homem de boa-vontade, e deseja o bem* com toda força de seu ser interno; a força da Franco-Maçonaria apoia-se precisamente no *querer* coletivo de seus membros; reúnem-se para trabalhar e, como nada se perde na esfera das energias postas em ação, toda Loja vem a ser um foco de transformação social e humanitária.

Não venhamos, sem embargo, a pedir à imensa maioria dos Franco-Maçons que raciocinem seus atos. Trabalham por instinto e de acordo com suas tradições algo obscuras, mas cuja influência sugestiva perdura, todavia, através dos séculos.

Ademais, existe uma doutrina maçônica sem fórmula explícita que vem a ser, para a Franco-Maçonaria, o que é o cristianismo para as igrejas cristãs: é o “Maçonismo”.

Todas as críticas que dirigem à Franco-Maçonaria os seus adversários, — e com maior severidade, se couber, os seus amigos, — referem-se a nossa instituição tal como funciona, trabalhando do melhor modo que sabe, sem que consiga chegar à realização perfeita de seus muito legítimos desideratos. Mas nem uma objeção sequer foi apresentada contra o “Maçonismo” pelos que chegaram a compreendê-lo. Muito ao contrário, ao “Maçonismo”, tem devido, em todos os

tempos, a Franco-Maçonaria, e deve a ele, ainda hoje, seus recrutas de maior valor. Segundo a opinião dos pensadores mais eminentes, não há filosofia superior à que se desprende do simbolismo da Franco-Maçonaria. Tem a inestimável vantagem de não se apresentar sob o aspecto de sistema fechado; seu objetivo é ensinar a cada um as regras comprovadas de toda sã construção intelectual. O Franco-Maçom aprende a construir o templo de suas convicções pessoais, mas, tudo, em o construindo de acordo com sua conveniência particular, e para si mesmo, observando as leis de uma arquitetura tradicional, graças à qual persiste a unidade na construção do grande santuário universal edificado segundo o plano do Grande Arquiteto do Universo.

Em resumo, o ideal iniciático não pode ser realizado coletivamente por uma associação numerosa de homens forçosamente incapazes de elevar-se, em seu conjunto, muito acima do nível mediano da humanidade.

Que cada um se esforce individualmente, pois, para matar em si o profano e, ao mesmo tempo, favorecer ao nascimento do Iniciado. Sobretudo, que ninguém se apresse em ser admitido na Franco-Maçonaria até que o “Maçonismo” se haja revelado em suas meditações. Deve tornar-se ele mesmo Franco-Maçom pelo próprio esforço e em seu próprio coração antes de querer bater à porta do Templo.

O maior obstáculo das instituições iniciáticas reside na deficiente preparação dos candidatos, e seus fracassos são devidos, em grande parte, a uma prematura assimilação de elementos profanos sem o devido contraste. Criam a ilusão de poder transformar em iniciado qualquer indivíduo; este poderá muito bem não ter maior defeito que sua absoluta ignorância de tudo o que se refere à Iniciação.

No interesse do bom recrutamento da Franco-Maçonaria, já é tempo de que se vá esclarecendo o público sobre as questões iniciáticas, para chegar a compreender que nem a virtude de uma cerimônia nem a admissão na devida forma em uma sociedade qualquer podem conferir a Iniciação.

O verdadeiro iniciado há de iniciar-se por si mesmo. Poderá ter quem o guie, é verdade, mas apenas o esforço que houver realizado o levará à entrada da senda da Verdadeira Luz.

Exige a iniciação que aprendamos a adivinhar. Demos provas, pois, de nossa aptidão, adivinhando, quando menos, o significado geral da Iniciação. E, se não soubermos adivinhar nada, bem inútil será querer participar dos mistérios.

Capítulo XIV

A Iniciação Feminina

Com razão ou sem ela, a Iniciação nos mistérios da Magna Obra não alcançou a mulher. Se existiram, na Antiguidade, algumas iniciadas femininas, é que os Mistérios nascidos de religiões particulares perseguiam uma finalidade estritamente religiosa: pretendiam, com efeito, assegurar uma bem-aventurada imortalidade aos seus adeptos divinizados por ritos secretos.

Todavia, romanos e gregos reconheceram à mulher uma alma tão digna do favor divino como a do homem, e não podiam, portanto, impor a distinção de sexos no aspecto puramente místico.

Mas os mistérios clássicos, — cuja herança o cristianismo recolheu, — repercutiram de maneira longínqua sobre as iniciações modernas. O que caracteriza estas últimas é seu caráter *operativo*; preocupam-se com nosso trabalho nesta terra, e seus segredos referem-se a uma arte de prática muito difícil. Para o alquimista, tratava-se de operar sobre os metais, e, para a Franco-Maçonaria, da construção de edifícios materiais. Apesar de tudo, a metalurgia dos alquimistas conduziu-os a sutis especulações sobre os poderes da natureza, e o trabalho das pedras sugeriu também transposições fecundas no domínio humano, e, assim, foi se desenvolvendo o conceito desse imenso trabalho humanitário que é, em nossos dias, o objetivo da Iniciação Maçônica.

Logicamente, esse trabalho requer indistintamente a colaboração de todas as forças humanas, tanto masculinas quanto femininas; mas, por outro lado, a tradição está em desacordo com a lógica; os adeptos da Alquimia eram todos varões, e nunca nenhuma mulher sonhou entrar como aprendiz ao lado de um mestre pedreiro. Ao tornar-se exclusivamente especulativa, a Franco-Maçonaria moderna poderia adaptar seus antigos usos ao seu novo programa. Não se preocupou com isso e quis seguir, como antes, exclusivamente masculina, como medida de prudência, e com razão, tanto quanto pudemos apreciá-lo.

Essa afirmação precisa ser explicada. Com efeito, somos partidários do “masculinismo” do passado, mas convencidos também de que a mulher tem direito à Iniciação e de que convém estudar como e de que maneira podemos associá-la realmente à Magna Obra. O certo é que não se a poderia admitir de imediato numa associação composta somente por homens e organizada à base desse sexo unicamente. A Loja

inglesa constituiu-se tomando por modelo o “Club”; este não corresponde nem pouco nem muito à mulher, cujo elemento verdadeiro é o “salão”. De tal modo que, para estar a mulher em seu ambiente, seria preciso transformar as Lojas em salões ou vice-versa. Não é coisa de todo impossível; inclusive, é desejável sob muitos aspectos. Mas, na prática, e até nova ordem, o mais prudente é que sigam as Lojas organizadas como o são atualmente, deixando que alguns salões escolhidos se transformem, senão em Lojas, pelo menos em focos de iniciação feminina.

Esta metamorfose depende unicamente da mulher. Ela não tem necessidade alguma de solicitar autorização das autoridades maçônicas para trabalhar em sua própria casa como iniciada ou, para ser mais modesta, como aspirante à iniciação feminina.

Para que germine a ideia, é indispensável à mulher conhecer as bases da Iniciação e, de acordo com esse critério, temos procurado formulá-lo nesta mesma publicação durante todo o ano de 1922. A mulher deve aspirar à Iniciação, não para satisfazer à mesquinha satisfação de ingressar numa coletividade até agora ciumentamente reservada aos homens, senão porque sinta nela a vocação para a Magna Obra humanitária. Se sofre e se dá conta das misérias humanas, só lhe faltará descobrir o segredo do que chamamos de a dinamização dos bons sentimentos.

Aí está o grande segredo da Iniciação feminina, a palavra perdida que devem outra vez encontrar as mulheres, a exemplo dos Mestres Maçons. A elas corresponde conquistar novamente um poder que seu sexo soube exercer no passado. Acaso não fundou a mulher a civilização, chegando a domar o macho brutal e bárbaro? Disso não duvidavam os estampeiros medievais, quando representavam a *Força* sob a figura de uma mulher que, sorrindo, mantém abertas as mandíbulas de um leão furioso. Muito da nobreza da Cavalaria deve atribuir-se à influência feminina. E, no que respeita a essa cortesia que valeu à França a conquista da Europa culta do século XVIII, não foi acaso genuinamente feminina?

Infelizmente, um feminismo mal compreendido incita a mulher de hoje a masculinizar-se, como se se considerasse inferior e sentisse a necessidade de elevar-se à masculinidade. Equívoco lamentável e também traição à feminilidade! A mulher difere do homem e rende homenagem à sua força; enquanto o homem, — se ele admira a mulher, — é precisamente quando ela se caracteriza como tal. Conscientemente ou não, rende homenagem às suas qualidades peculiares, inclusive quando brilham por sua ausência. Enfim, o homem quer encontrar na mulher dotes de complemento que a ele faltam precisamente.

E inútil nos alongarmos mais sobre esse ponto. Basta reconhecer que, segundo acabamos de ver, a iniciação feminina deve diferenciar-se essencialmente da masculina, contanto que seja Iniciação verdadeira. Se se tratar tão-só dessa iniciação meramente simbólica e convencional, cujos ritos não hão de traduzir-se numa transformação de nossa vida, é de todo indiferente que homens e mulheres fiquem submetidos às mesmas cerimônias ridículas. Os homens que tiveram a ideia de aplicar às mulheres as provas de seu ritual masculino provaram *ipso facto* que o simbolismo maçônico era, para eles, letra morta. A maçonaria mista deveu nascer à força dessa época de ignorância absoluta do significado do cerimonial maçônico, que os maçons mais clarividentes consideram apenas sobrevivência de um passado formalista e ignorante.

Em nossos tempos, aprecia-se melhor o simbolismo profundo dos pensadores, e compreendemos quão absurdo é propor à mulher um programa iniciático cuja tendência seja o desenvolvimento da masculinidade. Se a mulher tiver de ser iniciada, deve sê-lo nos *mistérios da feminilidade*.

Mas surge aqui uma dificuldade considerável. Quais são esses mistérios? E onde estão formulados? Como descobri-los? Até agora ninguém respondeu a essas perguntas, nem temos precedentes em matéria de iniciação feminina. É preciso buscar o caminho, na ausência de toda indicação que nos poderia subministrar alguma tentativa anterior. No mais, podemos recordar os erros cometidos, procurando evitá-los no futuro. Ter-se-á de proceder com cálculo, sem pretender que, repentinamente, surja a iniciação feminina, como saiu Minerva da cabeça de Júpiter.

De qualquer maneira, podemos vislumbrar alguns princípios fundamentais:

1. O propósito da mulher deve ser influir mais eficazmente sobre a humanidade em conjunto, sobre a marcha do progresso, esforçando-se particularmente para infundir nas almas o espírito da verdadeira civilização.
2. Deve tornar-se consciente de seus meios de ação particulares (Mistérios da Iniciação Feminina).
3. As mulheres devem adestrar-se na influência coletiva, tendo por objetivo um trabalho de ordem superior, sem limitar-se à influência individual que há tempos vêm exercendo.
4. Às mulheres corresponde buscar o modo de associação e cooperação mais adequado à sua maneira de ser.
5. É conveniente, mesmo assim, que tenham seus próprios segredos, segredos que confiarão apenas aos homens que julgarem dignos de conhecê-los.

O problema interessa a todos os nossos leitores, tanto homens quanto mulheres. Que todos trabalhem para encontrar a solução. De sua parte, o “Simbolismo” pede a todos sua fraternal colaboração.

Capítulo XV

A Inacessível Amante

Um jovem teosofista, — por certo bom conhecedor de metafísica, — houve por bem submeter à minha apreciação algumas páginas, fruto de seus estudos no Campo de Châlons onde estive mobilizado em 1920. Intitula sua dissertação: *Por que o homem busca a Verdade e como pode encontrá-la?* Começa assim: *O homem quer saber, quer conhecer. Por quê? Porque é. Porque, em sendo, o é em consequência de sua função de Ser. O Ser é Verdade e, portanto, é assim mesmo Verdade em sua essência e, por este fato apenas, sua norma é aspirar à Verdade.*

O autor pensa haver estabelecido de tal sorte a identidade entre o homem e a Verdade que ele deseja, como também a possibilidade de a alcançar, posto que tal é sua norma. Considerando logo que procedemos da Verdade, o jovem dialético não vacila em dizer o que somos em realidade.

Posto que deseje conhecer minhas observações de velho simbolista, permita-me a resposta na linguagem que costumo usar. Eu perdi, com efeito, o costume de raciocinar sobre abstrações e desconfio dos argumentos edificadas sobre palavras.

Certo dia, conversando a respeito de questões religiosas e mitológicas com um sacerdote de muita erudição, disse-lhe com humor: *Enfim, no domínio do desconhecido, os poetas são os que mais acertam.* Seguramente, — respondeu o padre, — são os que menos se enganam, mas, infelizmente, os teólogos são os que menos acertam.

Compreendi então que a culpa é dos crentes, quando exigem precisões de todo impossíveis sobre o objeto de suas preocupações. Alguns conceitos permanecerão sempre longínquos, vãos e indeterminados para

nosso entendimento. Se tentarmos examiná-los ao microscópio, a fim de precisá-los, chegaremos tão-só a falseá-los, e pode-se muito bem dizer que a teologia toda é uma empresa quimérica para demonstrar o indemonstrável. O campo do raciocínio é muito limitado. É este pequeno círculo compreendido entre as pontas de nosso compasso intelectual. Na totalidade dessa área, nossa visão é exata, e nossas deduções, lógicas. Mas não vamos nós raciocinar além de nossa razão, que deve reconhecer sua impotência quando se trata do infinito. O que não tem princípio nem fim, nem lugar determinado, nem duração no tempo, nem qualidade de nenhuma espécie fica fora do domínio da razão, e, neste ponto, podemos unicamente calar. Devemos honrar, como nosso silêncio, o que se impõe a nós e permanece velado à nossa compreensão. O primeiro ato do candidato a franquear o umbral do templo da iluminação deve ser o de inclinar-se humildemente diante do insondável mistério que nos rodeia.

Essa lição ritualística nos convida racionalmente a limitar nossas visões especulativas. O homem quer saber, e esta curiosidade que o leva a instruir-se é muito saudável. Mas, limitado como é, — tanto em seus meios de constatação quanto em seu potencial intelectual, — será bom que

também pergunte a si mesmo o que realmente precisa saber e busque apenas o que poderá ver claramente com sua inteligência.

Sejamos positivos ao abordar o grande Mistério da Vida. Será que, verdadeiramente, precisamos conhecer a fonte de onde emana, como também a meta final rumo à qual nos dirigimos? Aceitemos a vida tal como ela se apresenta, satisfeitos em constatar que ela nos impõe uma tarefa. Não é acaso o principal trabalho de nossa inteligência tornar-nos plenamente conscientes desta tarefa?

Obreiros da Vida, esforcemo-nos por compreender o que a Vida espera de nós, e procuremos instruir-nos, para poder realizá-lo com perfeição. Graças a essa orientação, seguiremos o caminho reto, sem ceder aos desvios de uma vã curiosidade. O sábio jamais se vangloria de poder responder a tudo; sabe demasiado que seu saber é muito pouco comparado à sua ignorância. Sua luz abarca apenas um espaço reduzido, mas é suficiente para que possa realizar com brilho o seu trabalho, não possuindo maior ambição.

Há uma verdade que o homem pode buscar e alcançar. É unicamente esta verdade, cuja missão é orientá-lo no caminho da Vida. É a Verdadeira Luz simbolizada pela estrela flamejante. A verdade que homem alcança em virtude de sua norma, ele não pode deixar de relacioná-la ao esquadro (em latim, *norma*). Unido ao compasso, esse instrumento decora o avental do Mestre Maçom, livre já de toda ilusão depois de sua estadia na Câmara do Meio. Em seu modo de ver, o campo de seu saber é o estreito domínio da relatividade, o ínfimo espaço que sua razão pode iluminar. Discorrer sobre o mistério das coisas é perder tempo. Mais vale calar e buscar as certezas apenas no campo da ação. Nada podemos saber do que convém crer com relação aos enigmas que atormentam aos humanos, mas cada um de nós pode adivinhar sem esforço excessivo aquilo que a Vida exige e, assim, uma verdade se nos revela proporcional à norma: é uma verdade de ordem moral que emana das próprias leis da Vida.

Essa verdade nos obriga, em primeiro lugar, a *ganhar a Vida* no mais alto sentido desta expressão corrente. A cada dia, contraímos obrigações para com a Vida, e devemos nos esforçar em cumpri-las honradamente, inspirando-nos nessa rigorosa equidade cujo emblema é o esquadro maçônico. Devemos estar conscientes de nossos deveres para com nossos semelhantes, companheiros de nossa vida. Seus direitos e seus deveres são idênticos aos nossos, e nossa atitude para com eles vem ditada, sem vacilações, pelo esquadro, norma determinante de toda forma de vida normal.

Portanto, nós duvidaremos das afirmações arriscadas dos espíritos temerários sobre as coisas impossíveis de serem positivamente controladas. Em troca, na vida prática, podemos trabalhar com absoluta certeza: aqui, a norma (esquadro) dita-nos a conduta a seguir com impecável precisão. Se soubermos nos conduzir na vida com absoluta segurança, que mais poderemos desejar? Tudo mais poderá muito bem resultar pura vaidade e nada mais. Limitemos o domínio de nossas investigações, partindo daquilo que podemos comprovar objetivamente, sem pedir ao raciocínio mais do que ele pode dar de si. A razão humana equivoca-se ao querer escalar o céu. É firme apenas no plano terreno, e ainda aí amiúde tropeça.

O simbolismo filosófico nos ensina a não nos pagarmos com palavras, e o valor que concede às nossas concepções é muito relativo. Em seu modo de ver, não são mais que as imagens imperfeitas do quanto aspiramos a nos representar.

A Verdade nos atrai. Perseguimo-la sem trégua, mas, para o simbolista, a Verdade não é uma palavra suscetível de entrar numa equação silogística. É uma virgem que foge eternamente, atraindo com irresistível poder o pensador enamorado da inacessível deusa.

Assim o cantam os poetas. E, ainda que seja verdade que mesmo os filósofos não chegam tampouco a estreitar a Verdade em seus braços, quando menos lhes fica o júbilo de recolherem, às vezes, o comovente sorriso da eterna fugitiva.

Capítulo XVI

Masculinidade e Feminilidade

Dona Gina Lombroso, — filha e colaboradora do célebre antropólogo, — remeteu-nos um estudo sobre *Alma da Mulher* que ajuda a compreender a lei do binário a que aludem as duas colunas *Jakin* e *Boaz*, erguidas à esquerda e à direita do Templo de Salomão.

Os Franco-Maçons atribuem suma importância a essa dualidade, imagem dos extremos abstratos ou subjetivos entre os quais se desenvolve a realidade concreta ou objetiva. Os Maçons que penetraram o significado dos mistérios dividem o que é *uno*, para poderem discernir e comprovar. Mas estas distinções indispensáveis a nossa função mental não devem ser causa de ilusões. As abstrações, filhas de nossa mente, marcam os limites do real do mesmo modo que as colunas de Hércules pretendiam marcar os limites do mundo conhecido. Quando falamos de ativo, de passivo, de espírito e de matéria, de bem e de mal, devemos ter muito cuidado em não objetivar nossos conceitos mais além da realidade. Tudo quanto existe é necessariamente mediano e misto, ao mesmo tempo ativo e passivo, espírito e matéria, bem e mal.

À luz desses princípios tão familiares aos iniciados podemos aplicar as distinções teóricas de Dona Gina Lombroso no terreno da sã aplicação prática. Quando representamos as características da masculinidade por um lado e da feminilidade de outro, é bom lembrar que não os encontramos realizados em nenhum ser humano. Podemos conceber a humanidade como situada entre dois polos inacessíveis: a masculinidade pura e a feminilidade. Esta polarização masculina e feminina repercute nos indivíduos, e vemos, segundo o caso, predominar uma ou outra, ficando bem entendido que a maior masculinidade realizada leva consigo sempre algo da feminilidade, do mesmo modo que a feminilidade resta também modificada por certas influências femininas. Tanto homens quanto mulheres, trazem todos um atavismo masculino e feminino ao mesmo tempo, de modo que, do ponto de vista psíquico, somos andróginos na realidade, com predomínio masculino ou feminino.

Não fosse assim, a vida seria impossível. Os exageros da masculinidade ou da feminilidade tornariam de todo impossível a harmonia, a boa inteligência e a fusão entre os seres, insensível e brutal, o homem tiranizaria a mulher sem visar a que ela conseguisse feminizá-lo. Tal “feminização” é, de outra parte, fatal em virtude daquilo que os ocultistas chamam de *choque de retorno*. O hipnotizador que se ufana de seu poder, pretendendo que o hipnotizado é *sua coisa*, não se dá conta de que, por sua vez, passou em parte ao poder de seu instrumento passivo.

A toda influência colocada em jogo corresponde uma contra influência, e esta constatação entra em cheio nas aplicações da lei do binário iniciático. Em virtude de sua submissão e doçura, a mulher obtém predomínio sobre o homem e impõe-lhe a civilização. Feiticeira por instinto, soube adivinhar que sua força se baseia precisamente em sua resignação à dor como ao sacrifício, e, como nada se perde, o triunfo da mulher fica assegurado no domínio espiritual, graças às virtudes operativas da feminilidade. Acaso não se diz que seu pé esmagaria algum dia a cabeça da serpente, ou seja, o egoísmo do macho?

Não é esta precisamente a tese de Dona Gina Lombroso. Ela estabelece uma comparação entre o homem, egocêntrico e a mulher altercêntrica. O significado dessas palavras dá-nos a entender que a mulher busca como centro de seus desejos e de sua ambição, não sua própria pessoa, senão outra distinta que ama ou de quem deseja o amor: marido, filhos, pais, amigos.

O homem, ao contrário, faz de si mesmo, de seus interesses, de seus prazeres, de suas ocupações, o centro do mundo onde vive. Esse duplo ponto de partida da masculinidade e da feminilidade reflete-se nos indivíduos de um ou outro sexo, e daí convém, na prática, impor a certos temperamentos a distinção, teoricamente muito acertada, de Dona Gina Lombroso.

No homem predomina o ardor sulfurado dos alquimistas. É um centro de ação autônomo, cuja organização responde perfeitamente à conquista do mundo exterior. Dominado pelo que lhe apetece, pelo que considera desejável, lança-se à realização de suas aspirações sem considerações de espécie alguma para com ele mesmo ou para com os demais. Tanto a debilidade quanto a sensibilidade inspiram-lhe tão-só desprezo, por ser rude por natureza, grosseiro e, até certo ponto, selvagem.

Felizmente, o homem é sociável e sente a necessidade de unir seus esforços aos de seus semelhantes, o que explica suas tendências à disciplina, a inclinação que sente para com os grupos e as coletividades organizadas.

Acrescente-se que o homem raciocina e dá margem à argumentação; interessam-lhe as abstrações; facilmente chega a considerá-las como reais, de tal modo que, muito amiúde, é joguete de suas concepções quiméricas.

E a mulher? Em lugar de trabalhar por impulso próprio, suas determinações são quase sempre consequência das influências externas, e sua tônica é receber tudo o que vem do exterior. Sua natureza atrai o influxo penetrante do mercúrio dos hermetistas. Os materiais que vai acumulando não procedem de seu foro íntimo. São, como se diz, emprestados. Daí o altruísmo feminino diametralmente oposto ao egoísmo masculino. Este último procede da convicção de pertencer-se a si mesmo, sentimento que a mulher rejeita por natureza. Ela quer entregar-se, e é feliz quando o homem a possui.

Mas aqui intervém a lei do binário, em virtude da qual ninguém pode dar sem receber na medida estritamente equivalente, nem receber sem vir a ser obrigado à restituição de uma forma ou outra. A mulher, ao abandonar-se com abnegação, atrai, portanto, de um modo irresistível. A atração pode muito bem não ser imediata e corre o risco de não produzir os efeitos sonhados pela interessada, mas nada se

perde na esfera dos sentimentos, como no domínio material. Isso nos explica a influência inegável da mulher em todas as épocas.

Feita a mulher, não para exercer o mando nem para conquistar a terra, senão que para fundar um lar e reproduzir a espécie, suas preocupações são opostas às do homem. Esforça-se em ser agradável, em cativar pela doçura, buscando, ao final, o amor dos outros, a fim de poder amar. A maternidade é o eixo normal de sua existência; por instinto, rodeia o homem de seduições, a fim de atraí-lo e de conseguir a família indispensável à sua ternura.

Em razão de sua função de mãe, a mulher limita seu carinho ao estreito círculo dos seus. Não é sociável em tão alto grau como o homem. O sentimento de franco companheirismo, tão natural entre os varões, não se enquadra bem com a sensibilidade feminina.

Menos sensitivo, o homem é de temperamento pacífico e suporta com indulgência os pequenos defeitos de seus companheiros de luta e de trabalho. Sente a fraternidade e compraz-se em desempenhar seu papel de parceiro neste concerto de mútua admiração que caracteriza os agrupamentos masculinos. Não acontece o mesmo com a mulher. Temendo em todas uma rival, guarda uma atitude defensiva para com as pessoas de seu sexo e observa-as sem grande benevolência, pronta a recolher a ainda a ampliar a menor impressão desagradável. Nisso não faz mais que obedecer aos impulsos de uma organização mais refinada. Sentindo e adivinhando muitas coisas que não afetam a sensibilidade mais grosseira do homem, alarma-se também com mais facilidade. Pouco disposta a seguir ponto por ponto as demonstrações lógicas, não lhe venham com a elaboração lenta e metódica do pensamento. Este lhe chega à mente como que formado de antemão. O cérebro feminino funciona de maneira inversa ao masculino. Isso não supõe inferioridade intelectual para uns nem outros, e a intelectualidade feminina produz resultados tão dignos de admiração como os mais notáveis que têm por causa a intelectualidade masculina.

A masculinidade e a feminilidade mentais combinam-se em doses muito variáveis nos indivíduos de ambos os sexos. Muito poucas são as mulheres cujo cérebro é estritamente feminino e felizmente, os homens estão bem distantes de pensar unicamente segundo a tendência de seu sexo. A intelectualidade mais equilibrada será, portanto, a que participará, em proporções harmoniosas, do raciocínio masculino e da intuição feminina. Sem embargo, as especializações, até as mais exageradas, têm sua utilidade, quando se completam e produzem a afinidade entre os contrários, fonte eterna de fusão em todos os domínios entre a masculinidade e a feminilidade.

Por hora, nada mais resta senão tirar do antecedente lições relativas à iniciação feminina.

A alma da mulher nos ajudará a resolver esse problema.

Depois de ler o livro, me parece prudente renunciar ao sonho de uma Maçonaria feminina, com seus segredos próprios e completamente desinteressada da cooperação masculina.

O homem pode prescindir da mulher para as empresas próprias de seu sexo. Não quer admiti-la em um lugar que, a seu juízo, não lhe corresponde, e nisto tem razão. A mulher, ao contrário, não quer prescindir do homem, posto que vive apenas para ele. As mulheres não se sentem atraídas umas pelas outras e não aspiram reunir-se, à vista de exercerem sobre o mundo, em conjunto, uma influência coletiva transformadora. Compreendem perfeitamente que sua esfera de ação deve limitar-se aos seres humanos que têm ao seu redor. Elas têm o poder de formar a alma desses seres. Feiticeiras inconscientes, vão trabalhando as almas e operam invisíveis metamorfoses de inegável realidade. De um bruto fazem um civilizado, de um guerreiro sanguinário, um herói animado dos mais nobres sentimentos cavalheirescos.

A ação da mulher manifesta-se no mundo através do homem. Para ela, o homem é tudo. Sobre ele concentra todas as suas potencialidades e, se o homem é grande, deve-o à mulher.

Então: o que podemos fazer para a mulher como Iniciados? Ensinar-lhe o que sabemos e depois deixá-la trabalhar, seguindo os ditames de sua natureza. No passado, ela soube encontrar o caminho para chegar ao coração do homem e, sob sua influência, o homem amoldou sua conduta ao ideal feminino. A mulher de hoje em dia vale tanto quanto suas irmãs do passado e, seguramente, seremos seus devedores nessa regeneração que desejam os povos enfastiados de masculinidade exagerada.

Capítulo XVII

A Sabedoria Iniciática

O edifício espiritual da Franco-Maçonaria descansa sobre três colunas simbólicas chamadas *Sabedoria*, *Força* e *Beleza*.

A tradição ensina-nos que a Sabedoria *concebe* o que se há de construir. Ordena o caos dos projetos confusos e representa-se com clareza a obra, tal como deve ser realizada. Sua missão é criar em espírito e determinar as formas materiais destinadas à realização objetiva.

Uma vez terminado esse modelo invisível, vem a Força e executa. É a fiel servidora da ideia que manda e dirige. Nada se constrói cegamente. As energias ativas aplicam-se à obra concebida e já realizada no plano mental. Se assim não fosse, o obreiro agitar-se-ia inutilmente, seus esforços resultariam estéreis e, ainda que acreditasse construir, ficaria exposto tão-só a acumular montanhas informes de materiais mal desbastados e mal ajustados. Para construir utilmente, é de todo indispensável que a Força obedeça docilmente às instruções da Sabedoria.

Não basta tampouco que seja bem coordenada, sólida e prática; deve ainda resultar agradável e há de receber remate de Beleza encarregada de *adorná-la*. O belo resulta sagrado e ninguém se atreve a atacá-lo sem se reconhecer culpado de um sacrilégio.

Por isso os antigos maçons “operativos” foram muito bem inspirados na eleição dos termos de sua trindade construtora: *Sabedoria*, *Força* e *Beleza*. Simbolizava-a o triângulo equilátero, figura geométrica distinta do Nível, instrumento que afeta formas variadas que muito bem podem nada ter de triangular. Ademais; é o emblema do segundo oficial da Loja que toma assento na coluna J.’., representativa da *Força*, enquanto o terceiro oficial, adornado do Prumo, tem seu lugar ao lado da Coluna B.’., que simboliza a *Beleza*. A Sabedoria é atributo do Venerável Mestre da Loja à qual preside do Oriente, de frente para as duas colunas erguidas à esquerda e à direita da entrada do templo.

Essa disposição coloca a Sabedoria no próprio centro da região de onde emana a luz. Recebe esta luz do Sol (Razão) e da Lua (Imaginação) e entre ambos se ergue o trono do Rei Salomão no qual toma assento o Venerável Mestre da Loja. Se este oficial ostenta o Esquadro, cuja forma é a da letra Guimel, terceira do alfabeto primitivo, é em razão de os lados desse instrumento marcarem a conciliação entre a horizontal e a vertical, entre o Nível e o Prumo. O representante da Sabedoria deve levar em conta as oposições entre J.’. e B.’., entre o Sol e a Lua. Seu dever é raciocinar com implacável rigor, sem rechaçar o que podem sugerir as crenças consideradas como percepções da alma. A Razão, iluminada no mais alto sentido da palavra, o conduz de tal sorte à Fé dos Sábios ou à pura Gnose dos Iniciados.

O caráter mais notável dessa Sabedoria é a humildade. Quem é chamado a dirigir os demais em seus trabalhos não pode figurar-se saber tudo nem pensar que se tornou conhecedor dos mistérios em virtude de um processo sobrenatural e pelo simples fato de sua qualidade de instrutor. As provas que deve ter sofrido desvaneceram nele toda ilusão. Compreende a insensatez do esforço humano aplicado unicamente a edificar uma torre intelectual com o fim de unir o céu e a terra e não pode consentir em ser o arquiteto de semelhante edifício. Quer trabalhar no plano deste mundo, tomando por ponto de partida o pouco que podemos conhecer com certeza e evidência. Tira apenas conclusões prudentes que são tachadas de timoratas pelos que ambicionam as sínteses arriscadas que visam a dar respostas a todas as perguntas. O verdadeiro sábio não pode fazer mais que responder: “Não sei mais”. Quando o filósofo, entusiasmado com seu sistema, se ornamenta com suas sutis explicações, o Iniciado, em vez de aturdir com seu discurso sedutor, medita e convida os demais a fazerem como ele mesmo.

Em vez de falar sem consideração, está sempre disposto a escutar, e, quando escuta, procura compreender e discernir o que existe de verdadeiro em meio ao que traz a linguagem humana, à maneira das pepitas de ouro perdidas no limo de um rio. Este ouro disperso é o tesouro da Sabedoria oculta das nações e corresponde ao corpo de Osíris, cujos membros espalhados são recolhidos por Ísis. Os Maçons reconhecem nele o cadáver de Hiram, que devem descobrir e animar outra vez.

Mas a que pode aludir esse misterioso organismo despedaçado senão à soma do saber humano difundido através das gerações de todas as épocas e de todos os lugares onde o homem tem trabalhado? A Sabedoria humana não pode ser privilégio de um indivíduo, de uma raça ou de algum século. Ela pertence a todos os povos, desde os mais primitivos até os que fazem alarde, não certamente sem presunção, de uma cultura muitas vezes demasiado estreita, em razão do desprezo na qual têm as noções do passado. Por mais que, na atualidade, não tenham circulação, as verdades esquecidas, desfiguradas ou desconhecidas não deixam de conservar íntegro o seu valor. A obra intelectual da Iniciação consiste justamente em discerni-las e a dar a conhecer este valor.

Assim, a Sabedoria do Iniciado limita-se, sem dúvida com muito acerto, ao domínio humano. Não pretende resolver todos os enigmas; ao contrário, ensina a saber ignorar humildemente muitas coisas; sobretudo, ao que se refere ao outro mundo, permanece muda e não emite qualquer fala a respeito das hipóteses que se podem emitir. Sua preocupação é a herança espiritual do passado, e deseja recolhê-la. Os homens podem enganar-se individualmente e ainda de modo relativo; enquanto trabalham de boa-fé, jamais podem cair no erro absoluto, e sempre existe em suas concepções algo verdadeiro. Não é justo atribuir ao espírito humano que sugere todas as meditações o primeiro posto entre os pensadores? Não é acaso o Grande Instrutor em cuja escola aprenderam todos os verdadeiros sábios?

Estes últimos, com efeito, têm se beneficiado da revelação constante e natural que inspirou os pensadores de todas as raças, desde o primeiro momento em que existiu uma humanidade pensante. Por genial que possa ser um pensador, jamais pôde criar *ex nihilo* o que acudiu à sua mente. Em matéria intelectual, quiçá mais do que em qualquer outro aspecto, nada se cria e nada se perde. Produz-se apenas uma nova manifestação do que preexistia oculto e voltará a subsistir em seu primitivo estado, quando abandonar o cenário do teatro das aparências.

O pensamento elevado é o patrimônio comum de todos os que meditam, de tal sorte que pensar é esforçar-se instintivamente para entrar em comunhão com os mestres, — tanto atuais quanto desaparecidos, — da arte do pensamento. É impossível refletir com perseverança sem entrar, por esse mero fato, em cadeia com uma misteriosa tradição. O passado, então, pensa conosco e Hiram ressuscita.

Se não fosse assim, como seria possível prosseguir na Magna Obra do Progresso humano, portando-nos como dignos sucessores daqueles que pensaram, sofreram e trabalharam antes de nós? É indispensável que o passado renasça, que seja venerado, compreendido e aprofundado, para que o Templo do porvir possa ser construído de acordo com sua finalidade.

Por conseguinte, o Iniciado não deve se limitar a recolher com benevolência as opiniões divergentes que se expressam ao seu redor; sabe também escutar outras vozes que não podem ouvir as multidões desorientadas. As próprias coisas lhe falam, e mostra-se sensível à muda eloquência dos monumentos e restos arqueológicos do passado, sobretudo, aquela das tumbas.

Nada morreu de tudo aquilo que um dia teve vida. As épocas longínquas e as civilizações desaparecidas deixaram suas pegadas e pode percebê-las aquele que possui o poder das evocações meditativas. Existe uma magia inegável que dá vida outra vez aos conhecimentos que parecem mortos e permite-nos encontrar outra vez a *Palavra Perdida*.

Mas que ninguém pense que vamos receber a *Palavra* por milagre! A realidade não surgirá em virtude das cerimônias postas em prática, por significativas que possam ser; o símbolo é apenas promessa, programa que deve ser posto em execução. Não é realização nem prodígio realizado. Se fosse suficiente ser erguido ritualisticamente para que Hiram ressuscitasse em nós, a Sabedoria iniciática poderia ser adquirida com relativa facilidade.

Sem embargo, podemos adquiri-la, sem que seja indispensável nos elevarmos de modo transcendental além do nível mediano de uma humanidade bem ponderada e verdadeiramente honrada.

O candidato à Sabedoria começará por renunciar com propósito deliberado a toda curiosidade indiscreta. Pedirá luz, na medida necessária aos seus trabalhos. Se aplicar esta regra com discernimento, não correrá o perigo de perder-se nessa enorme confusão das especulações ocas e sem fundamento nas quais permanecem absortos muitos espíritos incapazes de resistir a essa fascinação. A vida é curta, demasiado curta, se refletirmos quão longa e difícil é a arte de viver. Saibamos, pois, nos limitar com prudência, e não vamos ambicionar ao que está fora de nosso alcance.

A verdade que podemos abarcar é a que cabe entre as pernas de nosso compasso. Permanecendo em nossa esfera, procuremos, neste domínio reduzido, ver claramente e obrar como sábios. O que importa são nossos atos, e não as teorias nas quais podemos nos comprazer. Tenhamos o propósito de trabalhar bem e a *Verdadeira Luz* nos será dada, na medida necessária para podermos trabalhar utilmente. Como é de todo impossível saber tudo, saibamos nos contentar com pouco, mas aprofundemos e aprendamos bem.

O sábio, quando é modesto, longe de aspirar à onisciência, aprende a ignorar o que muitos pretendem saber. Aplica sua inteligência na execução da tarefa que lhe incumbe na Magna Obra. Pouco importa que seu alcance seja muito reduzido, contanto que saiba responder ao que dele se espera. Cada um de nós abarca apenas uma ínfima porção do imenso plano de conjunto do Grande Arquiteto do Universo. Trabalhar de acordo com as instruções recebidas é suficiente. E não pode existir Sabedoria alguma que supere a que nos inspira o cumprimento de nosso destino.

Tenhamos o fervoroso desejo de cumprir fielmente o encargo de nossa função vital e busquemos ver claro, pois isso é indispensável à nossa finalidade. Podemos ter a segurança de encontrar esta luz, a *verdadeira*, a que inspirará nossos atos sem temos de que nos enganemos, graças à veracidade de nosso sacrifício em razão do bem de todos.

Sábio é aquele que quer o que a Sabedoria nos aconselha ao dizer: “Paz na terra aos homens de boa vontade”, fórmula legada pela alta sabedoria iniciática. Queira Deus que saibam compreender bem todo o seu alcance os Construtores chamados a construir o que *quer ser edificado*, em nós como fora de nós.

Capítulo XVIII

A Força Realizadora

Os termos da unidade-trina construtiva, — *Sabedoria, Força e Beleza*, — seguem unidos indissoluvelmente. Por mais sábias que fossem as concepções, elas ficariam inúteis, se a Força não se empregasse às ordens da Sabedoria para realizá-las. Sem a Beleza, que as torna agradáveis, tais obras não mereceriam ser duradouras, posto que executadas de maneira tosca.

Subordinada à Sabedoria, a Força obedece docilmente e consegue, ao mesmo tempo, comprazer a Beleza da qual está enamorada. Se é assim, o trabalho far-se-á segundo as regras da *Arte* e honrará por igual Obreiro e Arquiteto.

Mas qual é a força da qual falamos aqui? Será que vamos assimilá-la àquela dos músculos colocados a serviço do cérebro? Resultaria, em tal caso, muito difícil explicar então a influência da Beleza. Não devemos, portanto, nos limitar à analogia fisiológica. Por *Força* os Iniciados entendem tudo quanto é ativo e realizador, tudo quanto produz efeito, da mesma maneira que chamam *Sabedoria* ao que concebe a forma ou que a cria no mundo das ideias. À Beleza, eles atribuem esse encanto inspirador do sentimento e concebem-na como mãe do Amor que deve reger o mundo. É reconhecer definitivamente, no homem, — o microcosmo, reflexo do universo (macrocosmo) — três fatores que podemos muito bem chamar de Inteligência, Energia e Afeto.

A distinção profana entre *Força e Matéria* não pode satisfazer ao Obreiro que, ao refletir, nega-se a separar, no mundo concreto, o agente pelo qual se dá conta de que ele próprio é o objetivo de seu trabalho e constitui a pedra que há de ser desbastada e trabalhada. Examinados separadamente, os termos Força e Matéria são apenas meras abstrações, migalhas de um materialista superficial, sem profundidade alguma de pensamento. Na realidade, a matéria é um efeito da Força, prova é que, ao cessar a Força de agir, a matéria, que deveria ser indestrutível, desvanece-se para voltar ao nada. A Força é, portanto, criadora do que chamamos matéria, e não devemos perder de vista esta noção, se quisermos compreender bem todo o alcance da palavra *Força* associada à Sabedoria e à Beleza.

Tudo quanto existe é energia, mas esta energia pode se hierarquizar segundo suas aplicações, segundo seu objetivo seja mais ou menos reduzido. No átomo mineral, tudo se reduz à conservação do equilíbrio dinâmico constitutivo. Temos aí a estrita autonomia na estreiteza de um torvelinho ínfimo segregado do funcionamento geral do Universo. A força atômica trabalha de tal sorte mecanicamente, sem que com isso se preocupe a Sabedoria nem se interesse a Beleza. Essa

independência desaparece na célula orgânica incorporada a um conjunto do qual não pode se separar sem perecer. Já não existe por si nem para si. Aqui intervém a Sabedoria, para construir e conservar o organismo, como também a Beleza, para a qual tende todo organismo.

Ademais, as energias, tanto vegetais quanto animais, ficam passivamente subordinadas à Sabedoria e à Beleza que regem cada espécie em particular. — Os peles-vermelhas atribuem a cada espécie um manitô particular, sob cuja influência se desenvolve e se dirige a vida. O êxito da caça depende do manitô da

espécie e o caçador deve saber atrair os seus favores. — Todo indivíduo se desenvolve segundo a lei à qual fica submetido com a fatalidade de um autômato. Não pode desobedecer a esta lei, como faz o ser, quando, consciente de si mesmo, determina cada vez mais seu modo de trabalhar, à medida que se eleva acima da animalidade.

Quando essa evolução chegar a um nível suficiente, o homem tem o direito de dizer que *nasceu livre* e de pretender a Iniciação. Esta última o ensina a conquistar plenamente sua hominalidade, ou seja, o estado de discernimento que permite ao indivíduo empregar deliberadamente sua *Força* a serviço da *Sabedoria* para realizar um ideal de *Beleza*.

Aqui se nos apresenta o tradicional enigma da Esfinge que convida o homem a resolver o mistério de sua própria natureza. Individualidades humanas transitórias, de onde viemos? Para onde vamos? E não poderia ser a *humanidade* em seu conjunto, através de sua permanência, esta entidade tão misteriosa quanto real da qual emanamos para nos individualizar, e para cujo seio temos de voltar, uma vez terminada nossa tarefa material? Este pequeno homem que nasce, agita-se e finalmente morre procede do grande Homem invisível que perdura através de sucessivas gerações. A teoria do *Adão Imortal*, parcialmente encarnado, nada tem de absurdo, e impõe-se ao positivismo decidido a perseguir a realidade mais além do que a que cai diretamente sob os sentidos.

Que nós nos acostumemos a reintegrar essa Unidade humanitária, procurando nos sentir solidários na imensa cadeia de nossos semelhantes, que abarca todos quantos sofreram como homens no passado, trabalham conosco no presente e lutarão, depois de nós, no porvir, ansiosos por realizarem um mesmo ideal. O ser humano, para conquistar verdadeiramente a hominalidade, deve ter, senão consciência absoluta, pelo menos, o sentimento dessa santa solidariedade unitiva. É preciso vibrar sob essa influência, para poder, na Maçonaria, passar do Nível *Perpendicular ao Nível* ou, em outros termos, do Grau de *Aprendiz* ao de *Companheiro*.

Com efeito, o *Aprendiz*, — trabalhando a si mesmo, desbastando a Pedra Bruta e esforçando-se para tomar integralmente posse de si mesmo, — pratica o egoísmo da caridade bem ordenada que começa por si mesmo. Este trabalho é apenas de preparação do indivíduo à vista de torná-lo apto ao trabalho de conjunto que espera pelos *Companheiros*. O *Aprendiz* não tem de sair de sua própria esfera, onde desenvolve o que possui em seu foro íntimo, suas faculdades, sua energia, seu valor e sua vontade. Por isso recebe o seu salário ao lado da coluna ardente cujo nome significa *estabelece, funda*. O *Companheiro*, em troca, vai recebê-lo junto à coluna branca, cujo nome se traduz por *nele a Força*. Cabe, portanto, ao iniciado do 2º Grau, conquistar uma potência que não reside nele mesmo, a fim de participar, de tal sorte, da Magna Obra dos Franco-Maçons. O *Aprendiz* assimila-se à *Sabedoria* que deve determinar sua conduta individual; o *Companheiro* conquista a *Força* que caracteriza a ação coletiva; por fim, o Mestre torna-se sensível à *Beleza*, objetivo supremo da Arte.

E qual é essa *Força exterior a si mesmo* que deve captar o *Companheiro* com sua mão esquerda levantada, para concentrá-la em seu coração, senão o *fogo do céu* que Prometeu foi roubar? Trata-se de um dinamismo psíquico semelhante ao que representa a eletricidade no domínio físico. Mas não se deve abusar da analogia nem do símil mitológico. Não se deve temer que um Júpiter ciumento nos castigue se formos buscar, nas alturas espirituais, as forças necessárias à execução do plano segundo o qual se constrói o mundo. Se nos preocupassem tão-só mesquinhas ambições, poder-se-ia negar a nós esse direito, e nosso gesto de chamada ficaria sem resposta. Enquanto o coração não se tornar atrativo, nada se pode produzir. O Homem celeste responde ao homem terreno somente na medida da receptividade deste último e todas as purificações do Grau de *Aprendiz*, tendem precisamente a colocá-

lo nesse estado de receptividade. Assim que estivermos em estado de receber, nos será dado e a força assim recebida nos consagrará *Companheiros*.

Como tais, chegaremos a realizar com a maior naturalidade verdadeiras maravilhas, sem pensar sequer em nos dar conta desse processo. Parece que as coisas vêm por si mesmas e, sem embargo, sem a nossa ajuda, muitos resultados deixariam de se produzir. Tudo andaria muito pior no mundo, não fosse a energia que empregam em querer bem os homens que, em seu coração, rendem culto à Humanidade. Esta espécie de conspiração mental chega a fazer fracassar, a frustrar inclusive, os mais terríveis complôs da cobiça, das paixões egoístas, do mais cego fanatismo e da ignorância sob todas as suas formas. Se todas as catástrofes não chegam a ser evitadas é porque, infelizmente, se impõe como terríveis lições completamente indispensáveis. Cultivando melhor a sabedoria e procurando vibrar com veemente desejo do bem geral, deixaremos de ser impotentes, pois poderemos dispor desta *Força* à qual renderam homenagem os estampeiros do século XVIII que desenharam o Tarô.

Sua décima primeira composição simbólica representa uma mulher graciosa que, sorridente, domina um leão furioso e mantém abertas suas mandíbulas. É a personificação da *Força Suprema* tal como foi concebida na Idade Média. Pois bem: a mulher que tranquila e pacificamente domina é a Alma, enquanto o animal que ruge representa a veemência das *paixões*, a impetuosidade dos instintos, o furor dos apetites, todas estas energias saudáveis, desde que não ultrapassem certos limites. Dessa sorte, não se trata de matar o leão, seguindo o exemplo de Hércules, herói não completamente iniciado. Seu antecessor, o caldeu Gilgamés, demonstrou ser mais sábio: apoderou-se da fera e estreitou-a bem viva contra o seu coração, de modo que o sábio nada destrói, preferindo assimilar-se às energias que se vê obrigado a combater.

Tudo vai entrelaçado, tudo procede de uma mesma fonte, tudo é, portanto, sagrado. O mal é o resultado de nossos erros, mas a Sabedoria tem a possibilidade de colocar outra vez as coisas em seu lugar. O Aprendiz comete uma infinidade de equívocos, e o Companheiro nem sempre sabe evitá-los; a Arte é difícilima, e não se pode alcançar a perfeição logo numa primeira tentativa. Sem embargo, o Mestre utiliza o trabalho de todos, e a obra prossegue para aperfeiçoar-se indefinidamente.

É, de todo modo, indispensável que uma força coordenadora se imponha sem violência, mas irresistivelmente e como que por efeito de um encanto mágico. Assim sucede que todo organismo permanece dominado por um poder misterioso que sabe empregar, em benefício de todas, o egoísmo das células que constituem o conjunto. Estas não têm consciência de sua função, que desempenham automaticamente, como se obedecessem a uma sugestão irresistível. A necessidade faz conceber a função, e uma vez concebida a ideia plasticamente, vem a criação do órgão material. Nada pode se formar sem *pré-vocação*, ou seja, sem vocação prévia. Tudo quanto existe responde a uma chamada em vista de uma finalidade determinada. Segundo os caldeus, os destinos dos seres ficam determinados antes que saiam do reino das sombras pelo tribunal de Anounnaki, espíritos das águas tenebrosas, cujas sentenças são ditadas na Câmara do Meio de Aralu, prisão dos mortos.

Mas não basta que seja concebida uma função para que o órgão indispensável ao seu cumprimento se produza *ipso facto*. A Sabedoria que concebe restaria estéril sem a *Força que executa*. Esta última realiza em ato o ideal até então em potência, para empregar-se a costumeira fórmula dos Hermetistas. A Força realizadora confunde-se também com o Poder criador, cujo exercício está confiado aos Obreiros do Grande Arquiteto do Universo.

O Iniciado deve, pois, considerar-se como um agente divino e não se acreditar limitado apenas aos recursos dinâmicos que pode encontrar em si mesmo; seu próprio fogo interno não resulta suficiente para

levar a feliz termo sua tarefa desinteressada. Ao despendê-lo generosamente, este ardor se esgota em evidente prejuízo do indivíduo que enfraquece e chega a ponto de falecer, quando, então, se sente reanimado por um calor externo que, paulatinamente, invade todo seu ser e devolve-lhe íntegra sua potência de ação. Alquimia e Maçonaria, ainda que utilizem símbolos diferentes, concordam em matéria iniciática: as operações da Magna Obra correspondem às provas do ritual maçônico.

Depois de sofrer a purificação pelo fogo, o Aprendiz é elevado a Companheiro. O fogo interno diabólico atravessou sua prisão corporal, à qual abandona para unir-se ao fogo externo celeste. Neste momento, produz-se, no coração do adepto, um vazio atrativo; sua mão direita crispa-se sobre seu peito, enquanto a esquerda dirige um chamado às energias que quer recuperar. O gesto é eloquente e equivale à prece mais ardente, que não deixará de ser atendida, se a atitude for verdadeira e traduzir disposições mentais adequadas e sinceras.

Infelizmente, nem todos os *Companheiros* sabem se aproximar, em espírito e verdade, da Coluna B.'.. Existem maus obreiros que matam o Mester Hiram; a Tradição, todavia, é imperecível e nada pode se perder de tudo aquilo que é digno de perdurar.

A obra, portanto, prossegue em meio às perturbações e às angustiantes peripécias que chegam a desencorajar e a paralisar os que a ela se consagram com toda a sua alma, porque estes valentes se beneficiam da grande Cadeia de União dinâmica formada por todos quantos, mortos ou vivos, vibram com fervoroso amor à Humanidade.

Em resumo, a Iniciação ensina-nos a amar, não de uma maneira egoísta, como acontece no mundo profano, senão que com abnegação verdadeira e eficiente. Depuremos nossos sentimentos. Amemos para amar e não para sermos amados. Que nossa alma transborde de generosidade, se aspiramos a nos consagrar à Magna Obra. Para dela poder-se participar eficazmente é indispensável purificar nossa mente e fazer com que ela adquira a ductilidade, a fim de bem aproveitar a corrente da *Força realizadora*.

O bom Obreiro e perfeito Companheiro dispõe, para seu trabalho, de uma energia que não é apenas a sua própria. Depois de modificar sua natureza pelas purificações sofridas, pôde acercar-se da Coluna cujo contato confere a Força.

Infelizmente, as iniciações cerimoniais não passam de ritos externos, e não são mais que míseras afetações, quando nada lhes corresponde internamente. Quanto tempo tardaremos em compreender o valor dos símbolos e seu significado a respeito da vida? Oxalá se vá gradualmente ampliando o reduzido círculo dos verdadeiros Iniciados, para que a Força misteriosa, acumulada por estes agentes de boa vontade, intervenha por fim nos assuntos da humanidade, e encaminhe-nos rumo ao nosso ideal maçônico: o Templo universal da paz e da harmonia.

Capítulo XIX

A Divina Beleza

Quem sugeriu aos Franco-Maçons a ideia das três colunas espirituais sobre as quais descansa todo o seu edifício? É muito difícil obter, sobre esse particular, indicações bastante exatas. O certo é que as mais antigas compilações de cantos maçônicos consagram estrofes à *Sabedoria*, à *Força* e à *Beleza*. Tem-se propagado a ideia de que essa tríade poderia ser muito bem o fruto da *Árvore dos Sefirot*, em cujos ramos florescem Sabedoria (Chochmah), Beleza (Tiphereth) e também Força (Geburah, cujo significado exato é Severidade ou Rigor). De outra parte, não se vê a necessidade de aceitar fatalmente essa procedência,

levando em conta que os construtores poderiam muito bem conceber sozinhos sua trindade operante, apenas distinguindo o *pensamento* do *ato*, e este último, por sua vez, do *sentimento* ao qual vai unido. Para construir, é de todo necessário saber o que queremos edificar e, portanto, fixar definitivamente em nosso espírito a imagem do futuro edifício. Tal é o trabalho da *Sabedoria*. Logo, trata-se de construir materialmente, valendo-nos da *Força* que executa, sem nos esquecermos tampouco da *Beleza*, sem a qual o edifício não pode atingir a categoria de arte.

O que justamente caracteriza o artista é o desejo que sente em relação ao Belo. Se não for enamorado da Beleza, não passa de simples incompetente, preocupado com a ganância, quando não é um escravo que trabalha apesar de si mesmo, fustigado pelo chicote da implacável necessidade.

Muito bem. Para o Iniciado, para o sábio que chegou à Compreensão (Gnose), *trabalhar* é sinônimo de *viver*. Vivemos para preencher uma função e trabalhar para tanto. O trabalho é a lei fundamental de nossa existência e, sendo assim, a *Arte de Viver*, — da qual a Iniciação nos ensina ao mesmo tempo a teoria e a prática, — repousa sobre esta base primordial de aceitar com alegria o esforço que a Vida sabe impor, sem brandura, aos agentes recalitrantes de sua Magna Obra. Se aprendermos a compreender a Obra, a amaremos por sua grandiosidade, nobreza e beleza. Consagrados a ela por amor, o trabalho não será penoso, proporcionará um prazer intenso, bem superior a todas as satisfações ordinárias. O artista amante de sua arte deleita-se com sua prática, inclusive e, sobretudo, se for à custa de algumas horas de sofrimento. O verdadeiro prazer afirma-se em vencer as dificuldades e nossa felicidade está na relação direta de nossos sofrimentos. A vida não pode nos dar mais do que podemos receber; se não nos tornarmos acessíveis ao mais precioso de seus dons, então, trata a cada um segundo seus méritos, condenando-nos à escravidão da limitação, até que sejamos dignos da liberdade.

Essa é a recompensa do ser que compreendeu a lei da Vida e a ela conforma-se com propósito deliberado. Se quisermos viver, tomemos a resolução de trabalhar, não como presidiários, mas como seres livres, amantes do trabalho e orgulhosos de ser assim. Por outro lado, é muito difícil desejar o trabalho em si e praticá-lo como passatempo, porque, neste caso, poderia muito bem ocorrer que o entusiasmo não fosse duradouro. Se nos esforçarmos e prosseguirmos com afinco, o resultado será digno de admiração. É desta forma que a beleza da obra empreendida pode nos fazer amar o trabalho que permitimos realizar. Um ideal abstrato, uma visão do espírito, um sonho do porvir, estimulam nossa atividade da maneira mais nobre e libera-nos em absoluto do jugo que a Vida impõe aos seus escravos. Sem a Beleza que nos fascina e torna agradável nossa tarefa, vivemos apenas por viver, como míseros mercenários indiferentes à Magna Obra, verdadeiro objetivo da Vida.

Os povos antigos adoravam uma deusa suprema que dispensava a vida e personificava a Beleza. Para os caldeus, foi Ishtar, divindade que logo voltamos a encontrar sob diferentes nomes na Síria, na Grécia, em Cartago e na Espanha. A Idade Média a fez renascer inconscientemente na Virgem-Mãe a quem foram dedicadas as catedrais. Esta Rainha do Céu da Espiritualidade reina na alma dos artistas enamorados da Beleza. É a inspiradora da *Religião do Belo* que parece satisfazer às aspirações dos espíritos religiosos em sua orientação rumo ao porvir. Pretender estar na posse da Verdade, encaixá-la em dogmas imperativos que se impõem à fé, tudo isso corresponde a um regime fora de moda, a ciência moderna nos ensina a ser modestos, dando-nos a compreender o quão pouco sabemos em seu próprio campo, aquele dos fatos concretos; com mais razão, convém nos darmos conta exata de nossa pequenez frente ao que escapa às nossas percepções. A razão humana mais judiciosa, graças à reflexão, prefere confessar sua impotência antes de aceitar o que não está demonstrado e, tratando-se do desconhecido, nega-se a afirmar, deixando, de tal sorte, campo aberto a todas as suposições. Não pode ser questão impor, de alguma maneira, limitações aos direitos da imaginação de quem tem, desde logo, desculpadas todas as ousadias, quando seus esforços tendem a decifrar o profundo enigma da Esfinge.

Mas há que se renunciar às ilusões do passado: a chave do grande enigma nos escap, e aqueles que se jactam de possuí-la por revelação divina estão em desacordo com os espíritos ilustrados de nosso tempo. Não que se negue o divino; é que não o concebemos de uma maneira tão infantil como aqueles que se propuseram, por certo com temeridade, a satisfazer a indiscreta curiosidade das multidões ignaras.

Busquemos a verdade e persigamo-la sempre, sem nunca pensar no privilégio de possuí-la e deslindá-la. Bem sabemos que a Ísis reveladora das supremas verdades não pode aparecer sem véu. Se nós perseguimos um ideal de concórdia humanitária, tenhamos cuidado em não preconizar uma solução uniforme aos eternos problemas metafísicos que dividem entre si tanto crentes, quanto pensadores. Não pode haver acordo, tratando-se de impor como *Verdade* tal ou qual opinião.

Não acontece o mesmo quando se trata da Beleza. Os homens não têm todos o mesmo conceito da estética, mas a harmonia realizada impressiona muito mais que os argumentos. Nada mais universal que o prestígio da Beleza. O próprio materialista, cuja perspectiva última é o aniquilamento total e definitivo de sua personalidade, rege sua conduta guiado pelo sentimento do Belo. Toda ação feia lhe inspira verdadeiro horror, a tal ponto que chega a cuidar de sua limpeza moral com mais zelo que o próprio crente, que acredita desfrutar antecipadamente da felicidade celestial, apesar dos temores que lhe inspiram as torturas do além-túmulo.

Qual é a verdadeira religião? Não é acaso superior a do artista, que adora a Beleza, àquela do pobre beato aterrorizado por algumas utopias? Ninguém pode duvidar da Beleza que em tudo se realiza e que todos podemos realizar em nós mesmos. Não depende de nós, em absoluto, sermos felizes nesta vida ou levar a cabo grandes empresas; todavia, o mais aflito dos humanos pode viver com beleza e, se permanecer fiel ao culto do Belo, a morte não poderá parecer-lhe mais que suprema apoteose. Tornamo-nos divinos, se sabemos amar o belo a ponto de nos identificarmos com a Beleza. Construtor de um mundo melhor, o Franco-Maçom, para realizar seu ideal individual e social, apoia-se sobre as três colunas simbólicas: *Sabedoria, Força e Beleza*.

Para conquistar a *luz* que o tornará capaz de trabalhar bem, esforça-se antes de tudo por pensar bem e ver com justiça. Iluminado pela Sabedoria, pode começar a obra e assimilar-se a uma misteriosa energia que não reside nele mesmo. Esta misteriosa, mas efetiva força ignorada pelo profano é a que inspira o artista, quando realiza a Beleza.

Muito bem: o belo não pode se realizar através de fórmulas assimiladas por nossa inteligência; para traduzi-lo fielmente, é preciso sentir e, para sentir, é necessário amar.

O bom Construtor inspira-se, portanto, no Amor, único poder iniciático efetivo. Quem ama profundamente se purifica, merece ser amado e atrai irresistivelmente as três Irmãs que o tornam sábio, forte e sensível à suprema harmonia.

Sejamos artistas, cada um em sua esfera. Procuremos corrigir a fealdade em todas as nossas ações e, antes de tudo, em nós mesmos. Assim realizaremos o Ideal Iniciático, e nossa conduta será a de Iniciados discretos, porém verdadeiros.

FIM